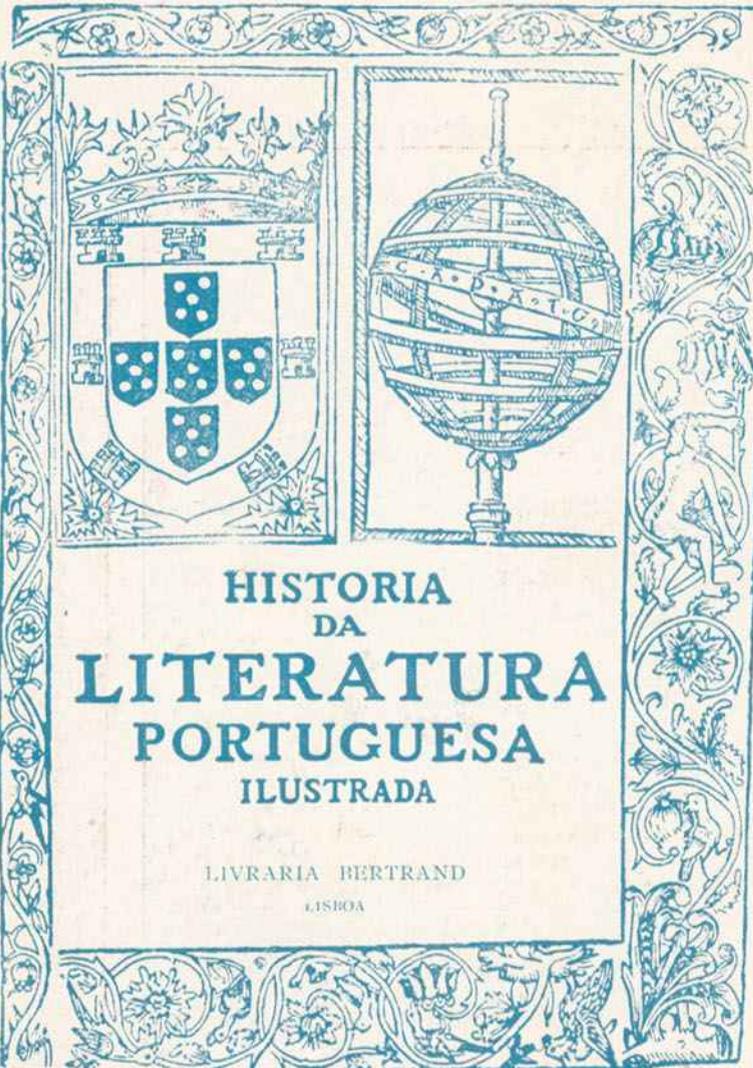


# ILUSTRAÇÃO



FRANCESCA DE RIMINE

(QUADRO DE FEUERBACH)



**HISTORIA  
DA  
LITERATURA  
PORTUGUESA  
ILUSTRADA**

LIVRARIA BERTRAND  
LISBOA

**A sair brevemente o XXXV tomo**

**A MAIS BELA OBRA ATÉ HOJE**

**EDITADA EM PORTUGAL**

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra o reembolso (só para o continente e ilhas) . . . . . 11\$50

3 meses 6 meses 1 ano

Assinatura (pagamento adiantado) 30\$00 59\$00 118\$00

REPOSTADO

ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHA 34\$50 67\$00 132\$00

ÍNDIA, MACAU E TIMOR 36\$00 79\$00 138\$00

ESTRANGEIRO . . . . . 37\$00 72\$00 142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem . . . . . 10\$00

**HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA**

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE  
**ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO**  
Da Academia das Ciências de Lisboa

**ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES**

- FONSO LOPES VIEIRA, escritor.  
FONSO DE DORNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa.  
GOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.  
GOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
ALVARO NUNES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.  
ANTÓNIO BAÍLO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.  
AUGUSTO GU., da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.  
ARITO CAMACHO, escritor.  
ARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da História da Colonização do Brasil.  
CRISTÓVÃO AIRES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.  
ORLHO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.  
EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.  
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.  
JUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.  
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.  
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.  
OÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.  
OÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.  
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.  
JOAQUIM LAITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.  
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.  
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.  
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Etnológico.  
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.  
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos canonicos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
JÓLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.  
LUÍS XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.  
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
MANUEL DA SILVA GAIO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.  
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academia das Ciências de Lisboa.  
MOSES BENARAT AMELACK, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.  
F. M. LABANJO COELHO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.  
QUEIRÓS VELOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.  
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.  
RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.  
A. COSTA SANTOS, escritor.

**EDIÇÃO MONUMENTAL**

**A HISTORIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA**

(FORMATO 32 x 25)

**EM TOMOS MENSAIS DE 32 PAGINAS,  
ÓTIMO PAPEL COUCHE,  
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS**

**E CONTERÁ**

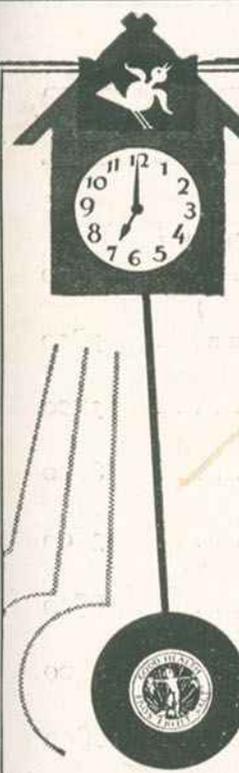
biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-símiles de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a côres.

**CONSTITUINDO**

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosissima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALIZADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO . . . . . 10\$00



**A HORA DO ENO!**

Para que os dias vos decorram cheios de saúde e bom humor, tomai sempre ao levantar da cama o vosso copo de Sal de Fructa "Eno".

Graças ao "Eno" livrar-vos-heis das perturbações de estomago e figado e de todos os incomodos que a prisão de ventre ocasiona. O elevado grau de pureza do sal de fructa "Eno" e a sua acção brandamente laxativa, conquistaram-me, durante os ultimos sessenta anos, uma reputação universal de precioso auxiliar da saúde.

*Exigi sempre a marca Eno's "Fruit Salt"*

**SAL DE FRUCTA ENO "FRUIT SALT"**

Depositaros em Portugal: ROBINSON, BARDSLEY, & C. LTD.  
8, Caes do Sodré, LISBOA

**Conselhos Práticos**

Toda a queimadura que provenha do fogo ou da água fervendo será sanada sem dôr e sem que forme bolhas, applicando-se sôbre a parte queimada cenoura crua e raspada em forma de cataplasma. A dôr da queimadura é aliviada com uma papa de bicarbonato com água.

**ILUSTRAÇÃO**

Propriedade da Livraria Bertrand, Ltd.<sup>a</sup>

Editor: Francisco Amaro

Composto e impresso na tipografia da Sociedade Gráfica Editorial, Rua da Alegria, 30 — Lisboa

**PREÇOS DE ASSINATURA**

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular. . . . .	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada). . . . .	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português . . . . .		64\$50	129\$00
(Registada). . . . .		69\$00	138\$00
Espanha e suas colonias . . . . .		63\$00	126\$00
(Registada). . . . .		67\$50	135\$00
Brasil. . . . .		66\$00	132\$00
(Registada). . . . .		75\$00	150\$00
Outros países. . . . .		75\$00	150\$00
(Registada). . . . .		84\$00	168\$00

Administração — Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

Visado pela Comissão de Censura



**O FAMOSO CREME PARISIENSE**  
J. LESQUENDIEU

*Veja este lindo rosto de mulher, e tratado com a Reine des Crèmes Amanhã será o vosso Creme*

**REINE DES CRÈMES**

*A venda em todas as boas casas de Portugal*  
Agente exclusivo para Portugal AZULAY & C.ª 100 rua Aurea Lisboa



**Depois das Compras**

subsiste talvez uma leve sensação de cansaço, ou mesmo, tendencia para dores de cabeça. Para afastar a fadiga e restaurar o seu bem estar beba uma chavena d'esse nectar que refresca, estimula e delicia.

**CHÁ HORNIMAN**

Sómente em pacotes de 14—50—125 e 250 gramas.



**Conseguir um record**

no exercicio d'uma profissão ou do sport, requiere o concurso de toda a nossa energia. Mas, apesar de todo o nosso proprio dominio não nos será possivel vencer o cansaço e o mau humor se nos sentirmos doentes, se nos doe a cabeça ou os dentes, se nos vemos martirisados pela enxaqueca, nevralgia ou outro sofrimento analogo. Porém existe a Cafiaspirina, que não só elimina as dôres, mas tambem possui a acção reanimadora e estimulante da cafeina. Com ela nos parecerá adquirir nova vida, desaparecerão as dôres e obteremos o record apetecido. — Tome, pois,

**CAFIASPIRINA** 

Não afecta o coração nem os rins.

# Contos, Novelas e Romances

Amor e o Tempo (O) por Dr. Augusto de Castro . . . . .	15\$00	Homem dos Dois Corações (O) por Rocha Martins . . . . .	3\$00
Art.º 438.º (O) por D. Carmen de Burgos, tradu- ção de Lopes de Sousa . . . . .	3\$00	Matou por Amor (A que) por D. Emilia de Sousa Costa . . . . .	3\$00
Cinco Mil Francos por Mês por Reinaldo Ferreira . . . . .	3\$00	Minha Mulher por W. Fernandes Flores . . . . .	3\$00
Colecção "Diário de Notícias" por diversos autores . . . . .	7\$50	Mort de D. Juan (La) por Paulo Osório . . . . .	8\$00
Drama na Sombra (O) por Ferreira de Castro . . . . .	3\$00	Noite de Núpcias por Lourenço Cayola . . . . .	3\$00
Ele e Eu por Augusto Pinto . . . . .	5\$00	Ruinas por D. Helena de Aragão . . . . .	8\$00
Fumo dos Casais por D. Maria da Nobrega . . . . .	10\$00	Sombras e Claridades por D. Helena de Aragão . . . . .	8\$00
		Veneno do Sol (O) por D. Fernanda de Castro . . . . .	10\$00

À venda na filial do **DIÁRIO DE NOTÍCIAS**

**LARGO DE TRINDADE COELHO, 10 e 11**

## BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS

**Acaba de aparecer**

# "O Tesouro da Casa Amarela"

Por **D. FERNANDA DE CASTRO**

Formoso livro de 132 páginas, em que a autora faz esplêndido teatro infantil

- |  |                                 |
|--|---------------------------------|
| 1.º — <i>O Tesouro da Casa Amarela</i>       | 3.º — <i>O Az dos Caçadores</i> |
| 2.º — <i>As Borbuletas e o Bicho de Seda</i> | 4.º — <i>A Recompensa</i>       |
| 5.º — <i>O Estrangeiro e o Portuguesinho</i> |                                 |

**PREÇO: 5\$00**

À venda na filial do **"Diário de Notícias"**

**LARGO TRINDADE COELHO, 10 e 11**

**e em todas as livrarias**

# Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL  
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL



Banhos de agua fermal,  
Banhos de agua do mar  
quentes, **BANHOS CAR-  
BO-GASOSOS**, Duches,  
Irrigações, Pulveri-  
sações, etc. — — — —

**FISIOTERAPIA, Luz,  
Calor, Electricidade  
médica, Raios Ultra-  
violetas, DIATERMIA  
e Maçagens.** — — — —

**MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS**



Consulta médica: 9 às 12  
Telefone E 72



## Eu quero

Assim exclamam os «nénés» quando vêm a Maizena Duryea na mesa. A Maizena Duryea provoca especialmente o apetite das crianças. Sirva-a com frequencia. Fara com que os seus filhos cresçam robustos, saudáveis e vigorosos.

Centenas de pratos deliciosos e apetitosos se podem preparar facilmente e economicamente com a Maizena Duryea.

Permita-nos enviar-lhe um exemplar gratis do nosso bonito livro de cozinha, que contem muitas e tamosas receitas.

— Preencha e envie-nos este coupon.



Manuel de Sousa Pinto

# RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

CARICATURISTAS



DESENHOS ESCOLHIDOS  
POR  
MANUEL GUSTAVO  
BORDALLO PINHEIRO

1 vol. fol. Edição de luxo,  
com 90 grandes illustrações  
de Bordallo Pinheiro, repro-  
duzidas pela photogravura,  
além d'outras inseridas no  
texto. Impressão a preto e  
côres sobre papel couché.

Cart. 40\$00; br... 30\$00

PEDIDOS A  
S. E. PORTUGAL-BRASIL  
Rua da Condessa, 80—LISBOA

# MAIZENA DURYEA

CARLOS DE SÁ PEREIRA, L.<sup>DA</sup>—Rua dos Sapateiros, 115, 2.<sup>o</sup>—LISBOA

Queira enviar-me um exemplar gratis do seu livro de cozinha.

Nome .....

Morada .....

Lo calidade .....



**Novidade Sensacional**

**Com o PENTE ONDULADOR transforme os seus cabelos lisos em naturalmente ondulados para toda a vida ! !**

Duma maneira geral procede-se da seguinte forma : Lavam-se os cabelos e secam-se pouco ; depois de desembaracados com um pente apropriado (desenbaragador), pentear com a cabeça ainda húmida, com o PENTE ONDULADOR, de forma que as ondas do pente sejam dirigidas para o exterior. Fazer deslizar o pente através dos cabelos na posição indicada cêra de 10 a 15 vezes, e assim se obtêm uma linda ondulação para sempre.

**PEIGNE ONDULATEUR "VIENNA"**

Exclusivo de venda :  
D E B E L E Z A  
M. **CAMPOS**  
Av. da Liberdade,  
35—Lisboa

Preço Esc. 15\$00

# FRIGIDAIRE

The QUIET Automatic Refrigerator



Os elogios dos convidados surgem espontaneos ante o serviço impecavel da vossa mesa



## FRIGIDAIRE

Representa o que de mais pratico, seguro, eficiente e economico actualmente se oferece em matéria de refrigeração automatica para o lar moderno, com uma magnificencia inconfundivel.

Armarios de aço esmaltados a porcelana branca, com interiores á prova de ácido, durabilidade extrema, amplo espaço para armazenagem e prateleiras permitindo guardar-se facilmente grande quantidade de alimentos.

O «acelerador de frio» e o «hydrator» de que vão munidos os armarios são duas características de inextimavel valor, que completam a eficiencia de «FRIGIDAIRE».

O «acelerador de frio», patente «FRIGIDAIRE», é um dispositivo especial que abrevia a fabricação dos cubitos de gelo, ou a confecção duma salada ou sobremeza

gelada. Vai colocado no exterior do armario numa posição muito comoda e acessivel.

O «hydrator» «FRIGIDAIRE», é um compartimento especial em que se conserva um ar humido e frio e dentro do qual as fructas, legumes e vegetais mantem a sua suculencia e a sua frescura primitivas.

As gavetas denominadas de «gelo-rapido» de que estão equipados alguns dos novos modelos promovem a fabricação instantanea de blocos de gelo.

«FRIGIDAIRE» não requer instalação especial bastando uma simples tomada de corrente para o seu funcionamento.

**Peçam as nossas listas de referencias**

Secção Técnica especializada em refrigeração comercial e industrial para todos os fins

**CONSULTAS E ORÇAMENTOS GRATIS**

Equipamentos especiais de refrigeração para talhos, hotéis, restaurantes, cafés, bars, cervejarias, pastelarias, manteigarias, fabricas de chocolate, padarias, laboratorios, peixarias, fabricas de gelo, etc.

AGENTES DISTRIBUIDORES E DEPOSITARIOS:

**DINIZ M. D'ALMEIDA**  
206, Avenida da Liberdade 218  
(Stand BUICK)  
**LISBOA**

**CUNHAS & ALMEIDA, L.DA**  
71, Avenida dos Aliados, 81  
**PORTO**

## Crónica da Quinzena

ESPERAVA-SE que o segundo escrutínio da eleição presidencial alemã entregasse a Hindenburgo a vitória definitiva. Assim aconteceu.

O prestígio do marechal, como político, ganhou em sete anos de bom senso e serenidade garantiam-na como certa.

Cercado de massas populares revoltas, inoculadas de misticismo comunista, de escolares irrequiectos, ávidos de represália, depois de erguido a chefe do Estado, com o mandato facto de combater por uma Alemanha desagravada, muita firmeza de ânimo, de raciocínio, de ponderação necessitava para fazer, incolme, travessia tão arriscada.

Nem um rasgão na farda, nem chapada de lama no lato civil lhe notam os nacionais ou os estrangeiros. Prova de que a mais das notáveis qualidades de chefe guerreiro, possuía as necessárias a um chefe de Estado de superior quilate.

Este facto bastaria para tornar interessante a manifestação pública há dias ultimada pela grande nação germânica, onde a educação do povo, desde a turba-multa aos elementos seleccionados, constitui uma realidade tangível. Uns mostram-se entendedores na arte de delegar, outros conhecedores das responsabilidades de eleitos.

Ora nem só esta feição grave, ajuizada, do acto eleitoral de 10 de Abril merece atenção, porque a outra, inquieta, irrascível, anunciadora de perturbações, não parece menos digna de exame.

Somos forçados a ver, a par do sólido lastro de tino prático, mantido pelo maior número, a vaga aventureira dos descontentes, que pelo volume causa espanto e receio.

Sopesando bem os resultados, chega-se a concluir que, não fôsse o prestígio pessoal de Hindenburgo, o vitorioso seria Hitler. Mesmo se pode afirmar, sem grave erro, que o partido por ele representado, safu detentor do lugar primacial. E amanhã, se a condição inexorável do tempo impedir que o respeitado octogenário prossiga no desempenho do cargo, temos de prever como certo um sucessor escolhido por aquela facção.

Depois de Hindenburgo virá um Nazi, porque mesmo com Hindenburgo, a gente Nazi terá voz que ouça através do Reich, senão além fronteiras.

E se acontecer?

Só pelo facto de subir ao poder esse fero nacionalismo não esperemos o aliquidar de

sangue judeu, comunista, para misturar com o francês e outros da receita apregoada.

Também do Marechal se esperava a salchicharia de carne ocidental, enfim transformada em convívio muito ou pouco ameno sem deixar de ser pacífico. A atmosfera dos cumes governativos, reconhecem-na calmante quantos a respiram. O sangue ferve antes de ascender até lá. Uma vez chegado, aos primeiros fôlegos, sente-se uma amnésia terrível. Ninguém se lembra mais do que prometera antes. Se o próprio Lenine apareceu desmemoriado, quem haverá capaz de resistir ao narcótico?

Nem Hitler, nem Goebels, nem o mais pintado deixará de acomodar-se no lugar que o mundo lhe oferecer, como único susceptível de ser ocupado.

Aquela prosperidade progressiva e ilimitada, prometida por Ford, garantida por Hoover, soprada por tódas as bombas de alta pressão, mostrou ser uma máquina de série, como as outras de fabrico americano. Deu uma volta ao mundo, espantou as gentes crédulas, fingiu de grande invento, e rebentou.

Os construtores que a improvisaram, encavacados, corridos de vergonha, pretendem remendá-la. Grude, aparas, sopros sucessivos esforçam-se, a ver se de novo a repõem no aprumo anterior. Resultado, nulo. A realidade estreme, inamovível, apura-se em *deficits* astronómicos, prejuizos astronómicos, baixas de valores, de rendimentos, de comércio, de todos os índices da vida a termos catastróficos, em que a unidade da medida atinge o bilião de dolares, ou sejam nesta hora trinta milhões de contos. Conta-se essa cifra uma vez, duas, vinte, quarenta, nos cálculos aproximados da riqueza que supunham existente os mestres da teoria da eterna felicidade no país do dolar. E afinal, reconhecida como illusória para muitos, continua sendo a cisma dos sonhadores desse paraizo materialista.

O rendimento dos caminhos de ferro, que em 1929 foi de 1.274 milhões, desce em 30 a 885, em 31 a 534 e nos primeiros meses de 32 já acusa 50 % de quebra. As falências seguem a mesma curva. A produção de automóveis calca nos mesmos anos a rota de 5.621.715 para 3.510.178 até 2.460.000, continuando em 1932 a precipitar-se na descida.

Em face do quadro pavoroso, meteu-se na cabeça do mau profeta do presidente, sempre fmeado na sua, ressuscitar o morto, e para conseguí-lo atira biliões à indústria, ao comércio, à agricultura, ordenando-lhes que prosperem de novo como na hora do seu advento.

E agora vai assistir-se ao espectáculo surpreendente da América fabricar automóveis, máquinas, ferrarias, trigo, filmes, bugigangas, juntá-las em pirâmide colossal, à espera que o mundo lhas compre. E o mundo, sem um tostão na algibeira, de braços cruzados a assistir aos progressos da ferrugem devorando todo esse trabalho estandardizado, tailorisado, terminará por sorrir de tão espantosa civilização, improvisada com a rapidez trepidante de Hollywood.

Vamos que os dois campeões de doutrinas e métodos sociais de grandeza estupefaciente, estão manifestando aspectos bem singulares.

Se um Jupiter ironista quisesse partir um e outro em duas metades, distribuindo depois, meia dose de russos pela América, meia dose de americanos pela Rússia, convencemo-nos de que acharia um rico divertimento para os ócios de tódas as diuinidades do Olimpo.

E em Portugal não aconteceu nada durante a última quinzena?

A afirmativa não seria de estranhar, tantas se contam as semanas e meses que passam sobre nós como se estivessemos em noite polar.

Os orientais gostam de apelidos como «pais da manhã tranqüila, da tarde serena». Se quisessemos imitá-los deveríamos alcunhar o nosso de «terra do tempo parado».

Decorrem os anos atrás de anos e nada muda, nem se cria, ou se destrói. Uma gente quieta nos mesmos lugares, às mesmas horas, dizendo as mesmas coisas macambúzias, garante a fixidez inalterável da nossa fisionomia.

Talvez que os últimos dias fujam um pouco à regra.

Somente há a reconhecer uma contingência triste. O que presta não se diz; o que se diz não presta. Daí assentar-se em que mais vale calar que mal dizer do que tem de aceitar-se como bom.

Samuel Maia.

**D**ISSERAM alguns: «Nada há mais triste do que perder-se uma doce convicção nutrida desde o berço, e a gente vê apagar-se, ante falsos critérios, a Tradição, tão assinalada nesta Terra Lusitana, por vultos legendários que se bateram, tantas vezes, um contra cem, vencendo, e que veio correndo, de boca em boca, até aos nossos dias.»

Portanto, bem mal andamos agora, passados quasi oito séculos, da batalha de Ourique, em ir glorificar, sem nexo, uns ignorados campos do Cartaxo, só recomendáveis aos impenitentes sacerdotes de Baco; razão mais que suficiente, para vir esclarecer quem tal ousou praticar, com coisas que registam, a este propósito, velhas páginas da nossa brilhantíssima História.

Diz-nos João Baptista de Castro, que, possuida e habitada dos mouros, a província do Alentejo, desejando D. Afonso Henriques dilatar a estreiteza dos seus domínios e aumentar neles o culto de Cristo, deliberou passar o Tejo e internar-se, atrevidamente, no território do inimigo, onde, chegando a Ourique, apenas com os seus doze mil soldados, deu batalha campal aos cinco corpos de exército do imperador Ismar, que destroçou e venceu heroicamente.

A lenda também conta o seguinte episódio: «Quando, frente a frente, flutuavam os balsões dos dois adversários, e um límpido luar prateava as screnas águas dos rios Cobre e Terjes, querendo D. Afonso Henriques fortificar-se pelo exemplo de alguma vitória obtida sobre os inimigos de Deus, tomou em suas mãos a Bíblia Sagrada, e leu a história de Gedeon que, apenas com trezentos hebreus, derrotára, com morte de cento e vinte mil homens, os exércitos de quatro reis Madianitas. Em seguida, adormeceu. Então, já em sonho, julgou ver a figura austera dum velho, que lhe prometia a vitória de Ourique.

Mal tinha corrido esta visão, entrou na sua tenda o alferes-mór D. João Fernando de Sousa, a anunciar-lhe que um desconhecido ancião pedia mui insistentemente para lhe falar. D. Afonso ordenou que o fizesse entrar imediatamente, e logo nele reconheceu o homem que acabara de ver em sonho. O visitante, sem lhe dar tempo a que lhe fizesse perguntas, disse-lhe que era um pecador fazendo penitência, havia sessenta anos, numa montanha vizinha e que vinha da parte de Deus, anunciar-lhe a próxima vitória.

# A BATALHA DE OURIQUE

Uma voz profunda se fêz ouvir, anunciando-lhe de novo, a vitória e que, a seguir a ela, seria proclamado pelos seus soldados, Rei de Portugal, e que a sua posteridade levaria nos seus estandartes, a glória de Deus e da Nação Portuguesa, aos confins mais longínquos do Mundo, predição que foi cumprida literalmente, quando,

«entre perigos e guerras esforçados mais do que permitia a força humana a Raça Lusitana, saindo d'órbita europeia, se derramou — como jámais ninguém — pela Ásia, pela África e pela América!

Correram os tempos, e não havendo um padrão, um obelisco, um monumento qualquer, a demarcar, com precisão, o sítio em que se travara essa formidável batalha, indolente, em peregrinação patriótica, El-Rei D. Sebastião, ao constatar que naqueles campos gloriosos, só se viam os escombros da ermidinha do venerável eremita que annunciára a vitória a D. Afonso Henriques, na noite antes da memorável batalha, mandou levantar sobre essas ruínas, um digno templo que depois se tornou conhecido pela Igreja Paroquial da Vila de Castro-Verde e em que, num nobre arco, fêz colocar uma lápide de finíssimo mármore, esculpida de uma inscrição latina composta, por ordem régia, pelo grande André de Rezende, e que assim é traduzida:

— «Aqui neste Campo, estando para pelear o Rei Ismar e outros quatro Reis Mouros, que traziam exército inumerável, o venturoso rei D. Afonso Henriques foi aclamado primeiro Rei dos Portugueses, e animado por Cristo, nosso Salvador, que appareceu crucificado, a pelear valerosamente. Com pouca gente, fêz tanta destruição nos

inimigos, que as correntes dos rios Cobre e Terjes se acrescentaram com o sangue derramado. Para que uma proeza tão memorável e estupenda não esquecesse no lugar aonde aconteceu, o Rei D. Sebastião, primeiro de nome, que igualou o respeito do esforço militar ao desejo que teve de acrescentar a glória dos seus Antepassados, renovou a memória dela com este título que mandou levantar.»

E agora, sem o mínimo reparo dos patriotas, é que o incorrigível erro nacional veio estabelecer a confusão neste facto eminentíssimo da História de Portugal!

E. Raposo Botelho



D. SEBASTIÃO, EM 7 DE JANEIRO DE 1571, AO VISITAR OS PLANOS DE CARREÇA DE REI, MANDOU COLOCAR UMA LÁPIDE COMEMORANDO A BATALHA DE OURIQUE.

«Quando ouvirdes o som dum sino — acrescentou elle — sai da vossa tenda, e tereis uma prova eloquente do que o Céu faz em vosso favor». Em seguida o pobre penitente abalou, deixando D. Afonso surpreendido e numa alegria e impaciência indeseritíveis.

Raiou a alba pouco depois, e D. Afonso ouviu o som dum sino; arrou-se, à pressa, de seu montante e sua rodeta, e saiu rapidamente. O que elle distinguio então, iguala, ou antes, ultrapassa ainda, aquela famosa aparição da cruz miraculosa, a Constantino: No meio de nuvens chamejantes, diviso um grupo de anjos sustentando a imagem de Cristo crucificado.

**A** NOTEMOS o facto. Sou da montanha. Nasci a meio dos agrestes pendores da mais montanhosa província de Portugal: — aquela que de baptismo tem o nome de Trás-os-Montes. Mas, embora montanhês de corpo e alma, sinto que é imperativa como um decreto ditatorial a influência do mar sobre a minha sensibilidade.

É certo que em Trás-os-Montes, segundo se lê em várias crónicas, nasceram e se criaram dois dos maiores navegadores da época dos Descobrimentos. Eram trasmontanos Diogo Cão e Fernão de Magalhães — Diogo Cão, o nauta experimentado e audaz que descobriu a Costa Ocidental da África, subindo às cachoeiras do Zaire; Fernão de Magalhães, o melito navegador que primeiro empreendeu a viagem de circumnavegação mundial, o que, ao serviço de Castela, do Atlântico passou ao Pacífico, por entre a Ilha do Fogo e a Patagônia, e foi morrer às Filipinas, à ilha de Mactan, ferido em combate pelos feros nativos.

Quer dizer: a montanha não anula em nós quaisquer tendências ancestrais de afecto pelo mar. Os filhos da montanha que de próximas ou remotas ascendências herdaram esse affecto, não vem, ou suspeitam o mar, imediatamente correm ao seu encontro, como ao encontro de amigo íntimo.

Foi o que eu fiz, logo que cheguei a Vigo. Antes mesmo de auscultar a vida activa das suas ruas e praças, adiantei-me a mergulhar a vista, a lisongear os sentidos nos recortes caprichosos e no azul immaculado da sua encantadora baía.

Não minto, não exagero sequer afirmando que me senti maravilhado, a sua formosura rara, de elite e privilegiada, excedendo tudo quanto de merecimentos e primazias lhe ouvira atribuir.

Pelas dimensões e recortes, o seu vasto contorno pontado de ilhas, adornado de promontórios, enseadas, cabos e portos, a baía de Vigo dá-me a sensação miniatural da baía da Guanabara. São mais alterosos os morros que circundam e ilustram a incomparável baía do Rio de Janeiro. As ilhas da baía de Vigo são menos exuberantes de vegetação do que as daquela. Mas quasi se irmanam no recorte, e parecem-se flagrantemente nos trabalhos de que foram dotadas pela imaginação e esforço da natureza.

Fixo dessas ilhas as maiores, à esquerda, ao fundo — as que me proibem a vista do mar largo, as que conhecemos hoje por ilhas Ciés, as que Plínio designou por ilhas Siccas, das

# GALIZA

## A FORMOSA

### A CIDADE DE VIGO

quais diz a tradição e a história que foram o último refúgio dos companheiros sobreviventes de Viriato: — o heroico pastor dos Herminios, que os sicários de Scipião, 140 anos antes de Cristo, tiveram de assassinar traiçoeiramente para que as hostes de Júlio César invadissem e dominassem os povos da Lusitania.

Vou admirando as vilas, as aldeias, os casais, todos alvos de cal, quasi todos fulvos de telha francesa, que escorregam por entre a verdura, que se miram nas águas azuis, no abrigo de carinhosas enseadas, que formam os postos subalternos dos pescadores do contorno. Ali é Cangas. Mais adiante Bonzas. Depois descubro Corga. Redondela adivinham-se na distância, na extrema direita da enorme ria. Na extrema esquerda observo Ronde, testemunha ocular da cupidez e da violência dos corsários anglo-holandeses que em 1704

casas de campo na força das colheitas. E por toda a parte, nas ruas e vielas, o formigar das gentes, o ruído das vozes, o arfar da vida em acção lembra um arraial a santo de famosos milagres.

Como isto é velho, e lôbrego, e tortuoso! E no entanto, como isto fala ao nosso sentimento do pitoresco e da ancestralidade, o sentimento do pitoresco tornando o tortuoso belo, o sentimento da ancestralidade pesquisando no lôbrego baíro a raiz venerável e a seiva maternal dos bairros novos!

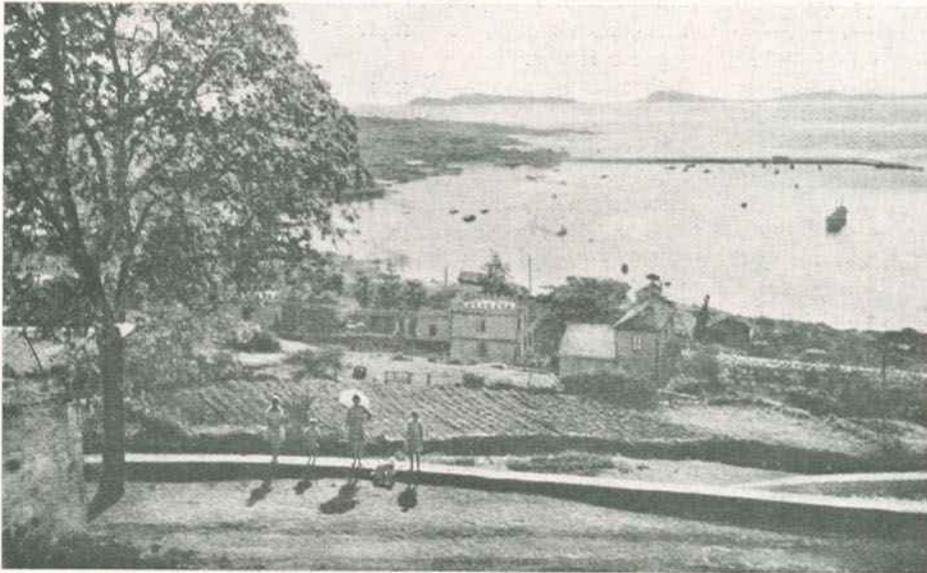
Concluída a peregrinação pelos bairros arcaicos, sobe de vulto a impressão que me produz a cidade nova — cidade moderna, de linha máscula e palpação sábia. Ruas de excelente pavimentação, ornadas de vistosos edificios públicos e particulares. Eléctricos, autocars, automóveis das melhores marcas americanas e europeias na azáfama do transporte do natural e do forasteiro por praças e ruas, em todos os sentidos. Uma alameda frondosa, com o seu convite amável às sestãs desenvidadas, nas horas cálidas de soalheira. E para nos dar a doce ilusão de Madrid, lá encontramos, povoada de armazens, embreada de vitrinas, a sua Porta do Sol — menos

opulenta do que a da capital das Espanhas, mas suficientemente apetrechada de bens de estimação para a recomendar à nossa visita.

O que não se encontra em Vigo, ao contrário do costume na quasi totalidade das vilas e cidades espanholas, na sua grande maioria inferiores a Vigo em dimensões, beleza e ostentação, é o espólio heráldico da grande arte architectural do passado — expresso em momentos religiosos e civis. Os seus monumentos falam-nos exclusivamente da

hora que passa, ou daquela cujo timbre nos sôa ainda ao ouvido. E isto significa apenas que a linda cidade galega, esquecida do mundo na pesca da sardinha e do polvo através das lindas ertas da vela latina e do canto da sereia, com a navegação a vapor acordou alvoroçada e se decidiu a marcar posição de relêvo entre as suas irmãs ibéricas. Assim, pobre de espécies notáveis nos domínios da arqueologia, aumenta o seu património, todos os dias, no que respeita a realizações de fíddole moderna. Não é a cidade de ontem. Não é talvez mesmo a cidade de hoje. É a cidade de amanhã — crescendo e multiplicando-se prodigiosamente, dia a dia, mercê da excelência do seu porto e do cabedal da sua energia.

Sousa Costa.



A BAIÁ DE VIGO VISTA DO CASTILLO

aprezaram e meteram a pique vários galeões espanhóis, só por virem da América atestados de mercadorias custosas e preciosos metais: — e pergunto a mim mesmo se o mar guardará nas profundidades dos seus abismos esses galeões, essas riquezas, esses tesouros.

Lidas e relidas as páginas adoráveis desta obra prima da Natureza e do Homem, passo a folhear o velho tômo da cidade arcaica, em que se espreguiça, impressiva vinheta medieval, o bairro del Berbés, o bairro secular dos pescadores. As ruas estreitas enrolam-se umas nas outras como os fios duma meada. Das janelas irregulares pendem camisas e cuecas, numa profusão de embandeiramento em dia festivo. Noutras janelas destacam-se rosários de cebolas e figos, lembrando as

# A BONECA E OS QUATRO MARIDOS

por *Julio Dantas*



**N**UMA exposição de bonecas. Um clarão dourado de studio ilumina uma multidão colorida e imóvel de pequenas figuras Lenci. Mulheres que parecem bonecas olham, curiosamente, as bonecas que parecem mulheres. Uma delas — das mulheres — loira, olhos azues de porcelana, pele rosada e fresca de francesa, um minúsculo chapéu preto, posto à banda, que lhe dá o ar duma figura fugida das festas galantes de Lancret, caminha, sorrindo, para um rapaz gordo que lhe beija atenciosamente a mão.

ELA — Bom dia. Então, não me quer falar?

O RAPAZ GORDO — Oh, minha querida amiga!

ELA — Veio vêr as bonecas?

O RAPAZ GORDO — Não esperava encontrá-la.

ELA — Não me conheceu? Estou assim tão mudada?

O RAPAZ GORDO — Está uma criança. Acho-a mais crescida...

ELA — Há dez anos que não nos víamos, sabe?

O RAPAZ GORDO — Dez anos para si são dez dias. São, quando muito, dez meses.

ELA — Dez anos, para uma mulher, são vinte. Os homens envelhecem-nos.

O RAPAZ GORDO — Que calúnia! Madame Avelar, quando eu a conheci, era muito menos magra, muito menos loira, muito menos nova...

ELA — Eu já não sou madame Avelar, meu amigo.

O RAPAZ GORDO — Não?

ELA — Há bastante tempo. Divorciei-me.

O RAPAZ GORDO — Sinto muito.

ELA — Não se incomode. Eu própria não senti nada. A verdade é que eu não gostava do meu marido.

O RAPAZ GORDO — É natural.

ELA — Não nos entendíamos.

O RAPAZ GORDO — Incompatibilidade de gênios?

ELA — Sobretudo, incompatibilidade de jogos. Ele passava os dias a jogar o golf. Ora, o golf é um jôgo de velhos. Eu detesto o golf. Pois nunca houve meio, meu amigo, de obrigar o Jack a jogar o tennis.

O RAPAZ GORDO — Nessas condições, evidentemente, a vida em comum era impossível.

ELA — E, depois, meu marido apareceu-me um dia com umas calças de xadrez branco e preto que acabaram de nos incompatibilizar. Eu perdôo tudo a um homem, menos o mau gôsto.

O RAPAZ GORDO — Entretanto, ele teve o bom gôsto de casar consigo.

ELA — Nem isso. Quando ele me conheceu, eu estava medonha. Tinha tido uma febre tifoide.

O RAPAZ GORDO — Não foi um casamento, foi uma convalescença.

ELA — Tão rápida, que é melhor falarmos doutra coisa.

O RAPAZ GORDO — Eu gosto mais de a tratar pelo seu nome de solteira. Sabe que está cada vez mais bonita, madame Broussac?

ELA — Ah! Mas eu casei-me outra vez, meu amigo.

O RAPAZ GORDO — Casou-se?

ELA — Não tinha que fazer, casei-me. É mau quando uma mulher não tem que fazer, porque, em geral, faz sempre tolices.

O RAPAZ GORDO — E pode saber-se com quem?

ELA — Mas guardei tôdas as conveniências. Casei-me com uma pessoa da inteira confiança do meu primeiro marido.

O RAPAZ GORDO — Sim?

ELA — Porque, apesar do golf e das calças de xadrez que nos separaram para sempre, eu devia esta prova de estima ao meu pobre Jack. Seria incapaz de casar com um homem que não fôsse da sua simpatia.

O RAPAZ GORDO — É uma ideia delicada.

ELA — Pois não é verdade? Casei-me com o melhor amigo do meu marido. O dr. Ramires.

O RAPAZ GORDO — Que era, naturalmente, o seu parecido de tennis.

ELA — Adivinhou. É o Jack casou-se com a sua parceira de golf.

O RAPAZ GORDO — Onde se conclui que marido e



mulher deve sempre

jogar o mesmo jôgo. — E agora é feliz, madame Ramires?

ELA — Perdão, meu amigo. Eu também já não sou madame Ramires.

O RAPAZ GORDO — Devéras?

ELA — Divorciei-me outra vez. Ainda não era o marido que eu tinha sonhado.

O RAPAZ GORDO—Quer dizer que os seus sonhos são difíceis.—Deram-se, então, mal?

ELA—Pelo contrário. Demo-nos tão bem, tão bem, que eu tinha todos os dias um ataque de nervos.

O RAPAZ GORDO—É curioso.

ELA—E sabe porquê? Porque o meu marido nunca me contrariava. Não há nada mais enervante, mais impicante, do que viver com um homem que está sempre de acôrdo comosco. É insupportável. É um suplício. Um dia, não pude mais, chamei-lhe estúpido, êle concordou comigo, e eu tive, a seguir, três ataques histéricos. Se não me levam para uma casa de saúde, morria.

O RAPAZ GORDO—Tem razão, minha amiga. Os maridos delicados são verdadeiramente intratáveis.—Experimentou o brometo?

ELA—Preferi o divórcio.

O RAPAZ GORDO—Nesse caso, sempre é certo que a posso tratar pelo seu nome de solteira.—E agora, madame Broussac, já se sente melhor dos seus nervos?

ELA—Mas, perdão. Quem lhe disse que eu tinha ficado solteira?

O RAPAZ GORDO—Quê? Tornou a casar-se?

ELA—Pois decerto. Bem vê. Eu estava ansiosa por um marido que me contrariasse.

O RAPAZ GORDO—E encontrou?

ELA—Felizmente. Um homem mal educado encontra-se sempre. Casei-me com um sobrinho do meu segundo marido.—Conhece o Visconde de S. Sulpício?

O RAPAZ GORDO—Apenas de nome.

ELA—Casei-me com êle. Como vê, desta vez as coisas passaram-se em família. Ninguém poderá acusar-me de ser pouco escrupulosa nas minhas escolhas. Compreende, meu amigo. O pobre dr. Ramires foi tão delicado para mim, que eu seria ingrata se tivesse procurado para meu terceiro marido uma pessoa que lhe desagradasse.

O RAPAZ GORDO—E o sobrinho agradeu-lhe?

ELA—Muito. Quando nos casámos, ofereceu-nos um automóvel.

O RAPAZ GORDO—Na verdade, a minha amiga tem-se casado em grande velocidade.

ELA—O que é a vida, senão uma vertigem? — É tão agradável, quando o volante é bom!

O RAPAZ GORDO—Recomendo-lhe cuidado nas curvas, minha querida Viscondessa.

ELA—Não me chame Viscondessa.

O RAPAZ GORDO—Desagrada-lhe o título?

ELA—Não me desagrada. É que já o não sou.

O RAPAZ GORDO—Quê? Tornou a divorciar-se?

ELA—Bem vê... A culpa não é minha.

O RAPAZ GORDO—Mas que trabalho tem tido, minha amiga! Tem sido verdadeiramente incansável!

ELA—Ninguém faz idea do que uma mulher tem de correr para encontrar um marido em termos! Não se pode saber se um marido presta, sem ter tido o incômodo de casar com êle...

O RAPAZ GORDO—Mas divorciou-se porquê?

ELA—O Visconde—sabe?—era um



bonito rapaz. Mas era muito pequeno. E, como era muito pequeno, gostava de andar ao colo.

O RAPAZ GORDO—Não era um marido, era o menino Jesus.

ELA—Enquanto foi ao meu colo que êle andou, não me inquietei. Mas um dia, há dois anos, quando estivemos em Biarritz, fui surpreendê-lo, nos rochedos da Chambre d'Amour, ao colo duma nurse. Uma nurse, imagine!

O RAPAZ GORDO—Mas as nurses não se fizeram para outra coisa, minha amiga!

ELA—É claro, puz o meu marido imediatamente no chão.

O RAPAZ GORDO—E êle chorou?

ELA—Eu é que chorei. Apesar de pequeno, gostava d'êle. Era o meu *porte-bonheur*. Mas não chorei muito. Os lenços são tão pequenos, meu amigo!

O RAPAZ GORDO—E o mundo é tão grande! — Por conseguinte, a minha querida madame Broussac ainda não conseguiu encontrar o marido ideal.

ELA—Já encontrei.

O RAPAZ GORDO—Quê? Já está outra vez casada?

ELA—E, desta vez, realizei o meu sonho.

O RAPAZ GORDO—Por quanto tempo?

ELA—Por tôda a vida.

O RAPAZ GORDO—Conta viver tão pouco?

ELA—Só me casei quatro vezes. Parece-me que não é muito.

O RAPAZ GORDO—Não será vertiginoso; mas é freqüente. Na sua mão, os maridos duram o tempo de um par de luvas.—Sabe em que estou pensando?

ELA—No meu divórcio?

O RAPAZ GORDO—Não. Nisso, basta que a minha amiga pense. Estou pensando que deve ser muito incômodo para si mudar constantemente de nome.

ELA—Tem razão. Mudar de marido, não tem importância; mas mudar de nome é horrível. Estou sempre a fazer bilhetes de visita novos.

O RAPAZ GORDO—Nem os seus amigos sabem, quando a vêem de manhã, como a hão de tratar se a encontrarem à noite. Como se chama agora, minha querida madame Broussac?

ELA—Agora, arranjei as coisas duma maneira muito mais simples.

O RAPAZ GORDO—Não usa o nome do seu marido?

ELA—Mais simples ainda...

O RAPAZ GORDO—?

ELA—Obriguei meu marido a usar o meu.

O RAPAZ GORDO—E êle está de acôrdo?

ELA—Porque hão-de as mulheres usar o nome dos maridos, e os maridos não hão-de usar o das mulheres?

O RAPAZ GORDO—Acho bem. Sobre-tudo, moderno...

ELA—Vamos vêr as bonecas?

O RAPAZ GORDO—Já a vi a si.

ELA, *estendendo-lhe a mão*—Então, adeus, meu amigo.

O RAPAZ GORDO, *amável, beijando-lhe a ponta dos dedos*.—Os meus cumprimentos ao sr. Broussac.

# Mestre Artur Loureiro

o pintor que pinta aos oitenta anos

MESTRE Artur Loureiro é um nome bem conhecido no mundo da Arte, para que precise de réclames. Todos quantos em Portugal se consagram às artes plásticas, quer como cultores, quer como amadores, conhecem bem, apreciam devidamente e admiram com entusiasmo as numerosas telas do glorioso artista portuense.

Mestre Artur Loureiro não precisa que falemos do seu valor. Do que nos não dispensamos, porém, é de falar da exposição das suas telas — nada menos de 50 — no Salão Silva Pôrto, à rua de Cedofeita, no Pôrto.

Chega a assombrar a fecundidade desse artista, dos nossos pintores em actividade o mais conhecido no estrangeiro, e que, apesar de ir a caminho dos oitenta anos, ainda não depôs a paleta. E oxalá que, para honra nossa, a não deponha tão depressa.

Falámos poucos minutos com Mestre Artur Loureiro. Dessa conversa resalta sempre o amor do glorioso artista à sua Pátria e ao Pôrto, que foi seu bérço, onde desabrochou o seu talento, e onde, após longa e gloriosa peregrinação por vários países, regressou, dedicando-se com um ardor de môço, verdadeiramente admirável, a ministrar à juventude, atraída pelos encantos da Divina Arte em que pontifica, o seu saber, os seus conselhos e a sua dedicação, carinhosa e sincera.

Mestre Artur Loureiro não é professor da Escola de Belas Artes, o que para muitos é um título de glória, tantas e tantas vezes vã, mas no Pôrto é quem maior número de alunos tem, principalmente senhoras.

E a colónia inglesa, que na capital do Norte é numerosa e selecta, não procura outro.

A idade não lhe alquebrou o corpo, firme e desempenado, nem lhe apoucou o espírito, forte e luminoso.

Não se lhe notam hesitações nem desfalecimentos. Anima-o ainda a originalidade de concepção, a mesma agudeza de vista, o mesmo esplendor de colorido, a mesma simplicidade de processos, o mesmo brilhantismo de luz, tôdas as qualidades, enfim, que o tornaram grande e admirado na sua mocidade e na idade madura, em que se conserva, pois que o tempo e as vicissitudes da vida não conseguiram ainda abalar tão sólida organização de homem e de artista.

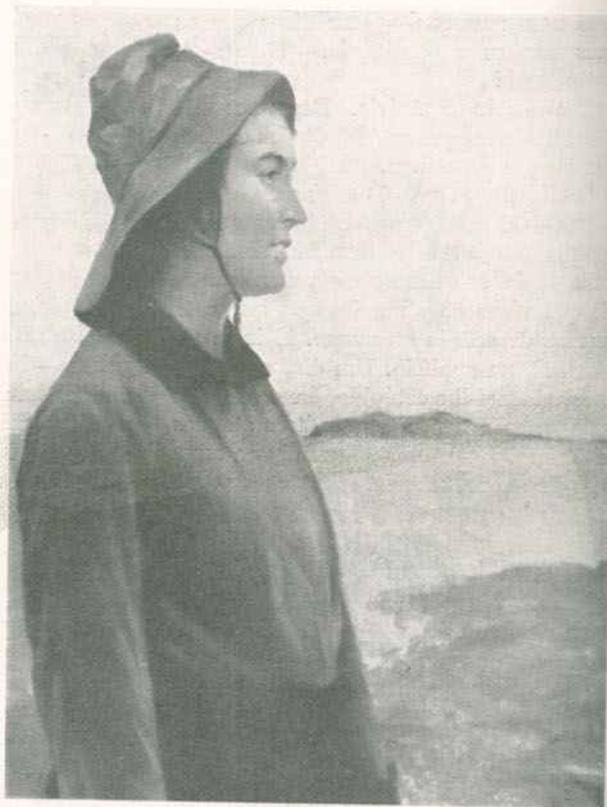
Mestre Artur Loureiro é um conversador ameno e judicioso, um

ironista fino, delicado, cheio de benevolência, com uma pontinha de malícia, nunca de maldade, quando o assunto o leva a criticar com sinceridade factos ou pessoas.

Os seus conceitos são sempre ornados com as galas da simplicidade e da precisão. Ouvindo-o, parece-nos vê-lo de paleta em punho, afinando côres, pincelando com justeza e graça; esbatendo, esfumando; dando-nos, finalmente, através duma anedocta pitoresca, dum episódio da sua vida de homem e de artista, da mais simples narrativa, como do mais sério e grave assunto, a impressão de um dos seus melhores quadros, cheio de verdade, de vida, de génio. Fala como pinta, sem empregar arrebiques de mau gosto, sem exageros — pecha de que não peca. Tal é o artista, tal é o homem, tal é Artur Loureiro, que todo o país e tôdas as nações onde tem vivido conhecem, admiram, estimam e veneram.

Mestre Artur Loureiro é, como Mestre Sousa Pinto, que a esta exposição não faltou com o abraço da sua velha camaradagem, talvez dos únicos sobreviventes dessa falange de grandes artistas, seus condiscípulos, em Paris, no atelier de Cabanel, e que eram: Columbano, Sousa Pinto, Ramalho, Henrique Pousão, Bastien, Lepage, Henry Poutin, Petit Jean e Senibaldi.

Esse artista, célebre no estrangeiro,



A RAINHA DAS SARGACEIRAS  
(Quadro de Artur Loureiro)

como dizemos, e tendo alcançado várias medalhas de ouro nas exposições a que tem concorrido, vive apenas para a sua Arte, completamente alheio a grupos. Tôda a sua obra é uma sinfonia de colorido e realismo que surpreende.

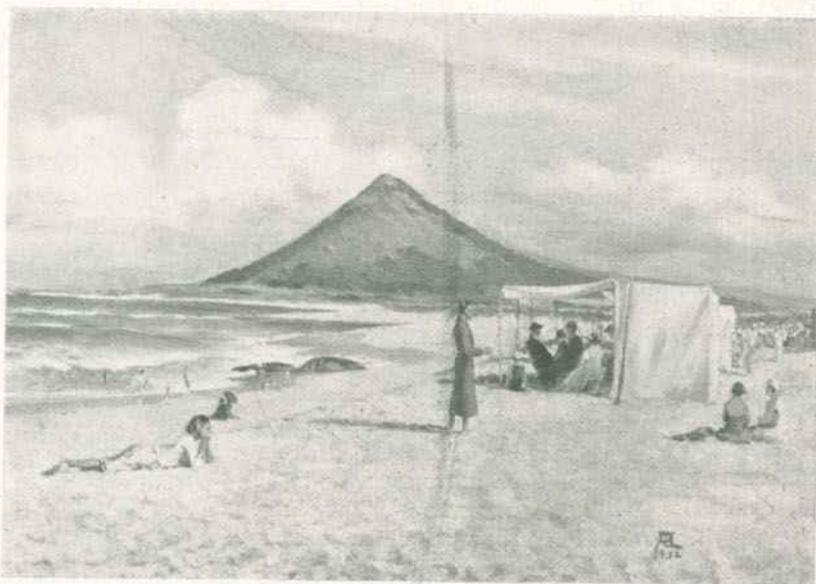
Paisagem, composição da figura humana, marinha e animais, tudo êle retrata com a maior fidelidade, insuflando-lhes o espírito que só o Mestre sabe encontrar e transportar para a tela.

Que o digam os quadros agora expostos e dois dos quais aqui reproduzimos.

Veja-se, por exemplo, a *Rainha das Sargaceiras*. É um quadro do Mestre, que assombra, pela fidelidade da expressão, pelo vigor do traço.

Tantos outros poderíamos citar, para corroborar o que escrevemos, como: *Elefantes, Praia de Moledo, O Passado e Presente*, uma soberba marinha, tendo como fundo o Monte de Santa Tecla, já em terras de Espanha; *Santo Antoninho onde te porei, Maré viva, Tempo enevoadado, A insua, Amanhecer, Caminho para Oliveira, Comissário do povo, Pão e queijo, Cocujões visto do Couto*, etc.

A crítica pouco ou nada tem a fazer, a não ser desentranhar-se em elogios, aliás mais que merecidos. A obra do Mestre tem tôdas as qualidades que a impõem.



O PASSADO E O PRESENTE

(Quadro de Artur Loureiro)

“SANGRE Y ARENA”

História das toiradas

A tauromaquia em Portugal tem história. Essa história está em parte feita e feita por mão de mestre. Há que recordá-la, há que lembrá-la, agora, que começou a temporada laurina. A sua inauguração fez-se no domingo de Páscoa, como é hábito. Poucos dias são decorridos. E, portanto, oportuno, aconselhar a leitura dum estudo curiosíssimo feito há anos pelo escritor Eduardo de Noronha — um dos homens de letras que melhor se dedicou ao assunto. Há realmente, tanto em Portugal como em Espanha, excelentes obras sobre a arte de tourcar. Nenhuma, porém, é mais completa do que a da autoria de Eduardo de Noronha. O autor do «Último marquês de Niza» e do «A porta da Barateira», estudou a parte histórica do tourcar que andava dispersa. Compilou tudo num interessantíssimo volume a que deu o título de «História das Touradas», e que está recheado de estampas, impressas a cinco cores, cópia de quadros de mestres ou composições originais de Roque Gameiro, Alberto de Sousa, Alfredo de Moraes, nomes conhecidos no nosso meio artístico.

Reproduzimos nestas duas páginas quatro composições: três de Roque Gameiro e uma de Alfredo Moraes. A seguir faremos, ainda que resumidamente, uma descrição dessas gravuras.

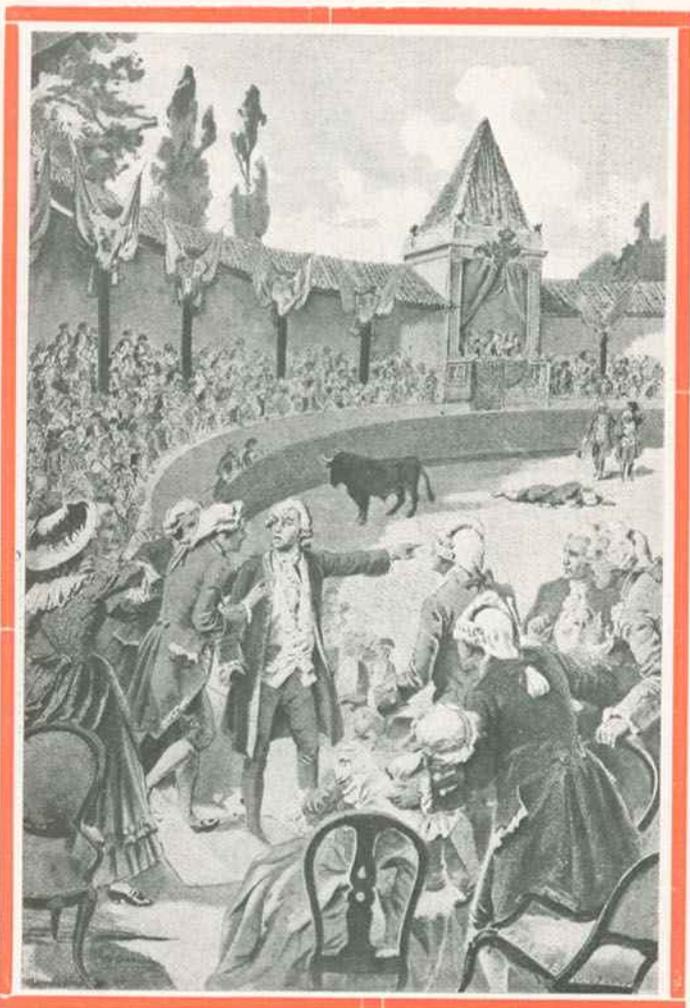
UMA CORRIDA EM VALLADOLID, COMEMORANDO O NASCIMENTO DE FILIPE II (1527)

«Iniciou-se o espectáculo por um duelo, duelo a sério, entre dois fidalgos de Saragoça, D. Pedro de Torrelas e D. Jerónimo de Ansa. Cada um deles tinha 25 anos. A origem do duelo provinha de, num desafio anterior, ter caído a espada das mãos de Torrelas e este confessar-se vencido, sob a condição do adversário guardar silêncio do ocorrido.

Dado o respectivo simal, os dois caminharam um para o outro. Empunhavam achas e cingiam as espadas. A um novo toque acometeram-se rijamente os dois. Torrelas deu tão forte pancada no elmo de Ansa que o fez cambalear; Ansa readquiriu forças, puxou a si o adversário com a mão esquerda e descarregou-lhe um formidável golpe que o estonteou. Dentro em breve as duas achas fizeram-se em estilhas e ambos lutavam, então, braço a braço.

Findo o duelo, entraram no terreiro 50 cavaleiros, com o duque de Najera à sua frente. Do lado oposto surgiu outra cavalgada. As lanças dum e doutro partido tinham pontas de diamante. Mal as charamelas soaram para a investida, arrancaram com tanta fúria, embateram as lanças nas courças com tanta violência... que dos cavalos, dōze, de grande aprêço, caíram totalmente inutilizados, e foram cuspidos das selas outros tantos combatentes.

Depois apareceu o Imperador Carlos V, que era acompanhado por fulgurante comitiva, no meio da qual se viam o duque de Beja, o conde de Haro e o conde de Salinas.



O MARQUÊS DE MARIJUA INDI- VINGAR A MORTE DE SEU FILHO NA PRAÇA DE SALVADORA (1762) (Composição de Roque Gameiro)

Nessa época, diz uma verdadeira autoridade no assunto, as sortes e lances não passavam de receber o toiro no campo com a lança armada, cravando-a com acerto e pujança até quebrantar-lhe a cerviz e desnucá-lo.

UMA TOURADA NO TERREIRO DO PAÇO POR OCASIÃO DO CASAMENTO DA INFANTA D. CATARINA (1661)

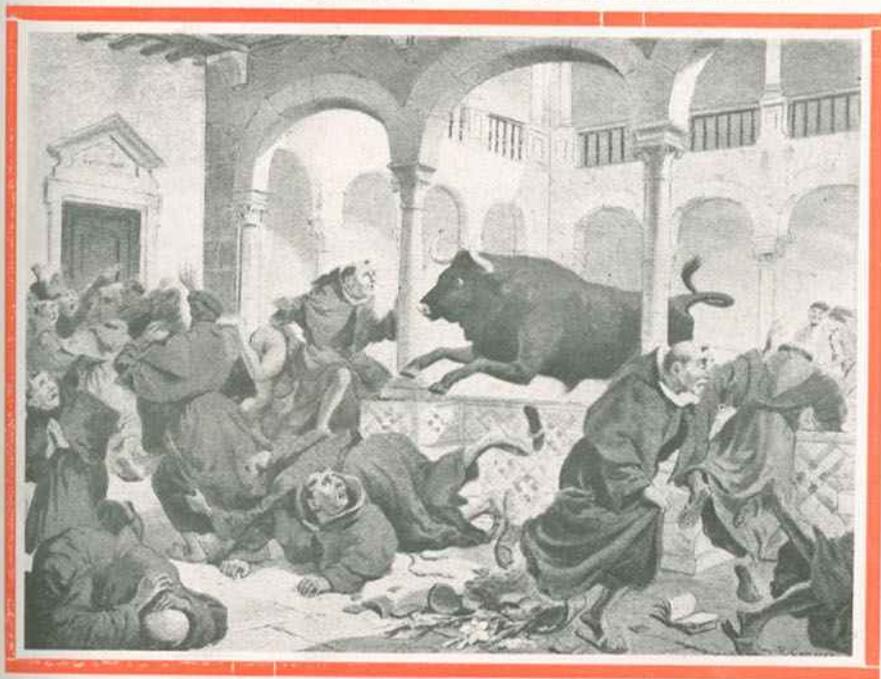
«...Quando se efectuou o ajuste de casamento, sancionado em Londres e em Lisboa, em 1661, realizaram-se nesta cidade três touradas, no Terreiro do Paço.

A primeira tourada deu-se numa segunda-feira, 10 de Outubro. Chovia e fazia frio. Só para a tarde é que o tempo levantou e se puderam luzir tōdas as galas que estavam preparadas para o acto. A capital e os arrabaldes despovoaram-se...

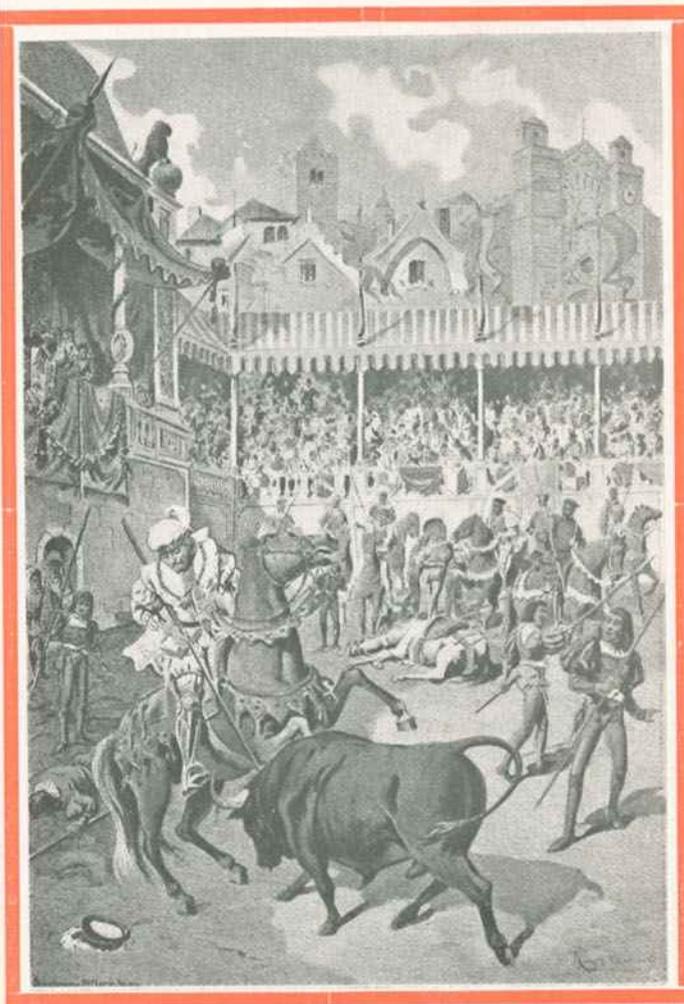
Entraram primeiro vinte e quatro coches, enramados de flores, doirados, coroados de ramos viçosíssimos. A seguir, como era de uso, vieram as dansas... Depois, entrou a guarda, flamantemente vestida...

Feito isto, vieram os toureiros e passearam o corro repartidos em diversas quadrilhas, de trajos sumptuosos, sendo cinco armados. Os forcados (é a primeira vez que encontramos, em documento de autoridade, referência a essa espécie de tourcar), saíram de verde.

Soltou-se o primeiro boi, as quadrilhas aprestaram-se e começaram a sortear a fera, terminando por pegá-la de maneira que a assistência os aplaudiu com muitos vivas. Souu a trombeta, e apresenton-se um tal



NOS CLAUSTROS DEU CONVENTO DA ESTREMADEIRA D. MIGUEL MANDA SOLTAR UM TOIRO (1852) (Composição de Roque Gameiro)



UMA CORRIDA DE VALLADOLID (1527) COMMEMORANDO O NASCIMENTO DE FILIPE II  
(Composição de Roque Gameiro)

monsieur Leon, fidalgo francês, que não des-  
pertou grande entusiasmo...

Vinha armado de garrucha e espada. Pouco  
habituação à lide, parece que de propósito lhe  
largaram um toiro, de que ficou esta pintura :

*Era o animal um monte de grandeza  
Negro na cor e branco na firmeza.*

Cravou-lhe o ferro cara a cara no meio da  
cerviz; mas não saindo a tempo, foi volteado,  
o que o obrigou a recolher-se, para mudar de  
cavalo, limpar-se da poeira e concertar o ves-  
tuário, que ficou com avarias de vulto.

Apareceu, então, o conde de Sarzedas, à  
frente de oitenta criados. Era um destro picador,  
mas quis a sorte que logo no começo perdesse  
um estribo, o que o obrigou a apertar-se e a  
matar o seu adversário com a espada. Teve  
de se desfazer do toiro, que imediatamente  
lhe coube, de igual modo, por lhe ter enxada-  
do um dos laçaios.

Três nobres anglo-saxões, entusiasmados  
com as palmas e supondo, pelo que tinham  
visto fazer aos portugueses, que tourear era  
coisa de pouca monta, mais fácil do que um  
fox-hunting (caça à raposa), tentaram mos-  
trar a britânica perícia :

*Mas com sorte mesquinha  
Quiseram fazer sorte  
Que quasi, quasi os sorticava a morte,  
Porque o toirinho, a quem a razão mingua,  
Não lhes entendeu a lingua  
E cuidou que eram moiros  
Inimigos grandíssimos de totos,  
Deu-lhes um par de vollos guarnecidas.  
De pontas, não de Flandres, mas compridas.*

Assim acabou a tarde,  
com enorme gáudio da  
população, que saiu a  
romper o cós dos calções  
com os bolões que os po-  
bres londrinos apanha-  
ram.»

O MARQUÊS DE MA-  
RIALVA INDO VIN-  
GAR A MORTE DE  
SEU FILHO NA PRA-  
ÇA DE SALVATERRA  
(1762)

«Tinham-se picado al-  
guns bois. Abriu-se de  
novo a porta do curro, e  
um toiro preto investiu  
com a praça. Era um  
verdadeiro boi de circo.  
Armas compridas e re-  
viradas nas pontas... Ape-  
nas tocara o centro da  
praça, estacou como que  
deslumbrado, sacudiu a  
frente e, escarnando a  
terra impaciente, soltou  
um mugido feroz no meio  
do silêncio que sucedera  
às palmas e gritos dos  
espectadores. Dentro em  
pouco os capinhas, sal-  
tando a pulos as trin-  
cheiras, fugiam à veloci-  
dade espantosa do ani-  
mal, e dois ou três cava-  
los expirantes denuncia-  
vam a sua fúria. Nenu-  
m dos cavaleiros se  
atreveu a sair contra ele.  
Fêz-se uma pausa. De  
repente viu-se o conde dos Arcos, firme na  
sela, provocar o ímpeto da fera, e a haste fle-  
xível do rojão ranger e estalar, embebendo o  
ferro no pescoço musculoso do boi.

O mancebo desprezara o perigo... levou o  
arrôjo a arrepiar a testa do touro com a ponta  
da lança. Precipitou-se então o animal com

fúria cega e irresistível. O cavalo baqueou  
trespassado, e o cavaleiro, ferido na perna,  
não pôde levantar-se.

Voltando sobre ele o boi enraivecido, arre-  
messou-o aos ares, esperou-lhe a queda nas  
armas, e não se arredou senão quando, assen-  
tando-lhe as patas sobre o peito, conheceu  
que o seu inimigo era um cadáver.

O marquês de Marialva assistira a tudo do  
seu lugar. Em um ímpeto, a presença reas-  
sumiu as proporções majestosas e erectas, como  
se lhe corresse nas veias o sangue do mancebo  
que perdera. Sem querer ouvir nada, desceu  
os degraus do anfiteatro, seguro e resoluto,  
como se as neves de 70 anos lhe não bran-  
queassem a cabeça.

Por entre as névoas de que a pupila trêmula  
se embaciava, viu-se o homem crescer para a  
fera, a espada a fuzilar nos ares, e logo após  
sumir-se até aos copos entre a nuca do animal.

O marquês, que tinha dobrado o joelho com  
a força do golpe, levantava-se mais branco  
que um cadáver. Sem fazer caso dos que o  
rodeavam, tornou a abraçar-se com o corpo  
do filho, banhando-o de lágrimas e cobrindo-o  
de beijos.

#### D. MIGUEL E OS TOIROS

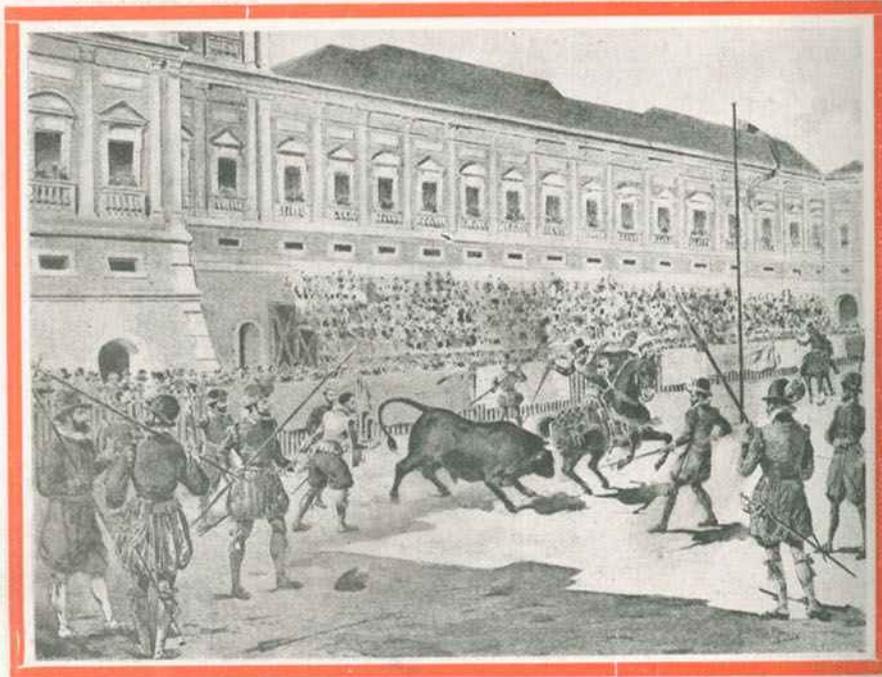
«...A meio caminho, albergou-se num con-  
vento dos mais ricos da Extremadura...

Em redor do mosteiro estendiam-se férteis  
lezírias... D. Miguel, ao contemplar tão for-  
mosos toiros, não resistiu à tentação de correr  
alguns deles. O claustro foi preparado conve-  
nientemente.

Quando se lidou o derradeiro bicho, D. Mi-  
guel fez um sinal a um dos fauleiros, que  
correu a prevenir a confraria que seria grato  
a Sua Majestade receber os cumprimentos dos  
monges em baixo, no claustro.

...Quando não faltava ninguém, desde o  
Abade até ao Guardião, surge um toiro, que  
era uma montanha de carne...

A trombeta de Jerichó a soar no vale de  
Josaphat ou a visão da Besta Apocalíptica não  
teria produzido mais estupefecedora estupe-  
facção. Passados alguns minutos... não se  
via um frade em pé.»



UMA TOURADA NO TERREIRO DO PAÇO (1661) POR OCASIÃO DO CASAMENTO DA INFANTA D. CAYARINA  
(Composição de Alfredo Morais)

# Noticias da Quinzena

## ROSÁLIA DE CASTRO

O Município de Lisboa acaba de preitar a laboriosa colónia galaica residente em Portugal dando o nome de Rosalia de Castro à nova praça nos cruzamentos da Avenida Ressano Gar-



cia e prolongamento da Avenida de Berne.

Esta mimosa poetisa, a quem se chamou «o rouxinol da Galiza», nasceu na cidade de Santiago de Compostela.

Ao atingir os vinte anos, casou com o ilustre escritor, seu conterrâneo, D. Manuel de Murguia.

Triste, debilitada, enferma e tendida por certos reveses da fortuna e cruéis desgraças de família, torturada da vida, sucumbiu

o 15 de Julho de 1885, sepultando-se no campêsimo cemitério de la Flavia, para seis anos depois, ser trasladada para a sua terra natal, onde jaz sepultada na igreja de Santo Domingo, monumental panteon de mais alguns insignes filhos dessa airoza provincia, vizinha e amiga de Portugal.

## O CASO EVA-ZULMIRA

Foi o verdadeiro caso da quinzena. Embora passado na capital do norte, Lisboa discute-o e comenta-o. Os jornais dedicaram-lhe largos relatos na primeira página. A cena de pugilato no teatro Rivoli do Porto apaixonou não só a gente de teatro como todo aquele que se interessa por intriga de bastidores.

A volta do caso bordaram-se os mais variados comentários. Alguns em verso. Um deles, da autoria de António Carneiro — o poeta cheio de ironia, que deixa espalhado pelos jornais e pelas



revistas teatraes o seu grande talento — reza assim:

## À UNHA!

*Levadas p'lo desalino  
Que no Mundo impera e manda,  
Quis o picaro destino  
Que avançasse Eva Stachino  
Contra Zulmira Miranda.*

*E a Eva que se propunha  
Dar-lhe o castigo preciso,  
Ferin-a co'a ponta da unha,  
Co'as unhas de que dispunha  
A Eva no Paraíso.*



*E um grande brado se eleva  
Quer duma quer doutra banda;  
Que a facção que era p'la Eva  
Parece que a sobreleva  
A de Zulmira Miranda.*

*E como a Eva a 'sgalanha  
E na cara pôs três pontos,  
Lá porque a face lhe arranha  
Zulmira quer ver se apanha  
P'lo menos duzentos contos.*

*P'ra aquillo que a Eva fêz  
Grave castigo se impunha;  
Mas tanto é demais talvez,  
E entendo que é, desta vez,  
Zulmira quem... mete a unha.*

## DR. JOSÉ DE FIGUEIREDO

A direcção da Sociedade Nacional de Belas Artes vai oferecer, em breve, um almôço



de homenagem ao sr. dr. José de Figueiredo pela maneira notável como tem honrado o nome artistico de Portugal no estrangeiro.

## TOMÁS ALCAIDE

PELA T. S. F. ouviram, há dias, os portugueses, a voz do nosso compatriota e brilhante



artista Tomaz Alcide, que se encontra contratado no Teatro Scala, de Milão.

A emissão foi feita durante a representação da nova ópera «Figli di re», onde o tenor português interpreta, com grande êxito, o papel principal.

A nossa gravura mostra-nos Tomaz Alcide no personagem que desempenha na nova ópera italiana.

## A PRINCEZA LUCIEN MURAT

ESTÁ em Lisboa uma das mais notáveis escritoras francesas: a princesa Lucien Murat,



que com tanto brilho tem evocado, nas suas obras, as figuras históricas que o tempo tem envolto em mistério.

Lucien Murat efectua hoje, no Teatro Nacional, a primeira das duas conferências que se propõe realizar entre nós. Falará sobre «L'Aiglon», e será apresentada ao publico pela nossa grande poetisa sr.<sup>a</sup> D. Virginia Vitorino.

## JORNALISMO

O jornalismo é uma profissão ingrata. Escreveu-se que «queima energias, que estraga a saúde e que não permite a tran-

quilidade de espirito, tranquillidade necessária ao prolongamento da vida». De forma que, quando alguém como Alberto Bessa, aos 70 anos de idade — 51 de vida diária nos jornais, 14 dos quais director do *Jornal do Comércio e das Colónias* — abandona a carreira, é caso para registar. Os seus camaradas e admiradores ao vê-lo afastar da profissão, que sempre serviu com brilho e honestidade, vão oferecer-lhe uma festa de confraternização, na qual Alberto Bessa terá uma prova de como era considerado e apreciado não só pela sua acção jornalística como pelas



suas excellentes qualidades de carácter.

## DR. MARTINHO NOBRE DE MELO

Foi nomeado embaixador de Portugal e enviado extraordinário junto do governo brasileiro o sr. dr. Martinho Nobre de Melo, professor ilustre da Faculdade de Direito de Lisboa desde os 23 anos, e ministro da Justiça aos 26, no governo Sidónio Pais. Mais tarde sobragou a pasta dos Estrangeiros já na vigência da



Ditadura, cargo que deixou quando da saída do poder do general Gomes da Costa.

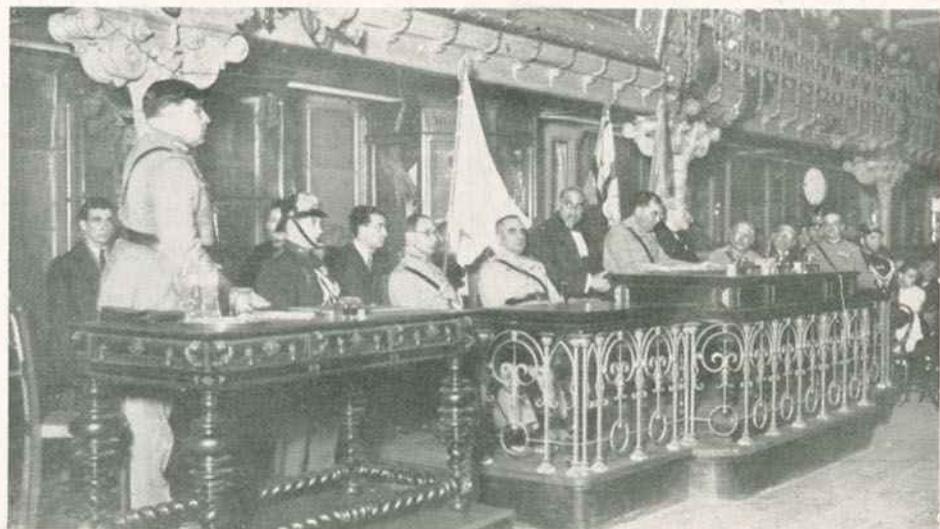
O sr. Martinho Nobre de Melo faz parte actualmente: das Academias das Ciências de Lisboa, Diplomática e Internacional, e dos Conselhos Político Nacional.



AS COMEMORAÇÕES DO 6 DE ABRIL.—O PRESIDENTE DA REPÚBLICA DEPOZANDO FLORES NO MONUMENTO AOS MORTOS DA GRANDE GUERRA E A CONTINÊNCIA DURANTE OS DOIS MINUTOS DE SILÊNCIO



A BATALHA DE OURIQUE—ASPECTO GERAL DA PRAÇA DE VILA CHÃ DE OURIQUE DURANTE A CERIMÓNIA INAUGURAL DO MONUMENTO COM EMORATIVO DAQUELE FEITO MILITAR



A MESA QUE PRESIDIU À SESSÃO SOLENE, QUE SE EFECTUOU NA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA, COMEMORANDO A BATALHA DE OURIQUE. AO CENTRO VÊ-SE O SR. MINISTRO DA GUERRA

## COMO AS MULHERES JULGAM AS MULHERES

UMA das razões, e não de certo a menor, de não estar ainda socialmente estabelecida a igualdade dos sexos é o mau juízo que as mulheres fazem umas das outras ou, mais propriamente, a pouca confiança que umas das outras merecem.

Assim, numa recente reunião, em Londres, de figuras notáveis do feminismo, observava uma das oradoras: As mulheres — dizia ela — que ocupam os misteres dantes reservados aos homens são por éstes ainda olhadas como seres estranhos, de aspecto mais ou menos feminino, mas sem a doçura, o encanto que devem ter as mulheres. E em vez de se prestigiarem umas às outras são elas as primeiras a se dar reciprocamente atestados de inferioridade. Uma aviadora conhecidíssima, que disse fazer profissão, frequentemente tem ocasião de transportar homens no seu aparelho; mulheres é que nunca! No fóro, rarisssimamente uma queixosa ou uma acusada recorre aos serviços duma advogada. Para a maior parte das senhoras elegantes, os costureiros tem mais prestígio que as costureiras, os médicos que as médicas, os dentistas que a dentistas e assim por diante.

A oradora terminou demonstrando a necessidade de se acabar com tão falso critério e propondo uma campanha no sentido de convencer definitivamente as mulheres do verdadeiro valor, não de si próprias mas umas das outras.

—\*—

## BIBLIOGRAFIA

DURANTE as últimas semanas alguns dos nossos melhores escritores lançaram no mercado novas obras. Destacaremos, entre outras, as seguintes:

- Ferroadas*, de Brito Camacho.
- Terras do Sol e da Febre*, de Julião Quintinha.
- Visão da guerra*, de Lapas de Gusmão.
- Dilúvio*, de Assis Esperança.
- De São Lourenço*, de Jaime Câmara.
- Souetos e soucilhos*, de Luís Cebola.
- Curiosidades da História Portuguesa*, de Ladislau Batalha.

e muitas outras que não nos chegaram à mão. Ainda se publicou também um volume de versos, *Alma errante*, de Eliezer Kamenczky.

## Porque não tem Portugal o seu pavilhão na Cidade Universitária de Paris?



UMA VISTA GERAL DA CIDADE UNIVERSITÁRIA. À ESQUERDA VÊ-SE O PAVILHÃO DA AMÉRICA DO NORTE; À DIREITA O DA BÉLGICA E NA EXTREMA DIREITA O DO JAPÃO E DE ESPANHA

taurante e instalação dos parques de recreio e de desportos. Foi como que a consagração definitiva da *Cité*.

De então para cá, elevam-se nesse lindíssimo bairro parisiense, pavilhões de quasi tôdas as nações.

Espanha tem o seu quasi concluído, assim como o da Bélgica; o da Dinamarca e o da Suécia foram já inaugurados.

Entre os pavilhões

já a funcionar contam-se os dos países do Oriente. O Japão, por exemplo, que na primeira época do seu ressurgimento fêz matricular os seus estudantes nas universidades inglesas e alemãs, julgou melhor a cultura francesa e enviou para Paris centenas de rapazes e raparigas, que hoje frequentam as escolas superiores parisienses.

Por outro lado, a França, que cuida afanosamente da sua expansão no Oriente, fêz construir na *Cité* um pavilhão indo-chinês, onde os estudantes encontram magníficos aposentos, cheios de higiene e de conforto, com tudo quanto é necessário aos seus estudos e onde conseguem viver com escassas mensalidades.

e o deputado Honorat, ofereceram, o primeiro, o diuheiro, e o segundo a sua influência política, para se lançar



O PAVILHÃO SUECO

mãos à obra. Hoje, passados onze anos, o seu sonho é uma realidade.

A iniciativa da fundação da *Cité* foi, primeiramente, apenas de caráter nacional.

Mais tarde, devido às dádivas recebidas, o projecto ultrapassou os limites dos seus inspiradores. Atrás dos primeiros pavilhões, outros se foram construindo, não apenas para franceses, mas para estrangeiros.

Em 1929, o grande Rockefeller ofereceu cinquenta milhões de francos para a construção do res-



O PAVILHÃO DINAMARQUÊS

Desta maneira, as Universidades de Paris dia a dia se transformam em universidades internacionais, que contribuem grandemente para que a França seja conhecida e amada em todo o mundo.

E Portugal perdeu o direito ao terreno, onde deveria ter edificado o seu pavilhão, apesar de ter sido dos primeiros países a obtê-lo...

A. de A.

dois passos da Avenida de Orléans, em Paris, fica situada a *Cité Universitaire*, em pleno bairro de Montrouge. Ali já é, e será num futuro muito próximo, o centro intelectual, onde se hão de reunir todos os estudantes, professores, artistas, escritores e homens de ciência de todo o mundo.

Foi em 1929 — se não nos enganamos —

que Portugal obteve o terreno para construir o seu pavilhão. Até hoje, já lá vão 3 anos, ainda nem sequer se lançou a primeira pedra para o edificio... Perdeu-se, até, o direito ao terreno... Como sempre, nem se pensou nisso a sério...

No entanto, estão de pé os pavilhões de quasi todos os países, inclusivé o brasileiro.

Quer dizer, a nossa língua está sendo falada na *Cité Universitaire*, apenas por brasileiros. Embora muito nos honre não é o suficiente...

\*  
\* \*

A história da *Cité Universitaire* é curiosa. Vamos relatá-la em duas palavras.

Foi em 1921 que Deutsh de la Meurth



O PAVILHÃO JAPONÊS, UM DOS MAIORES DA CIDADE UNIVERSITÁRIA, ONDE VIVEM CÉRCIA DE OITOCENTOS ESTUDANTES

NOTA — Nesta época em que a Europa ouvia com apreensão o longínquo rumor dos canhões asiáticos, pareceu-me curiosa e digna de menção esta história do heroísmo português contra uma arremetida japonesa; história passada há três séculos, que recolhi e compilei da narrativa de M. Steichen, publicada em uma velha revista editada em francês, na cidade de Tóquio.

# O fim da nau "Madre-Deus"

## Um combate naval entre portugueses e japoneses

CUMPRIRAM-SE em 9 de Janeiro de 1932 três séculos e trinta e dois anos que a nau *Madre de Deus* do comando de André Pessoa, governador de Macau, se afundou em Fukuda, próximo de Nagasaki, combatendo contra um grande número de juncos japoneses.

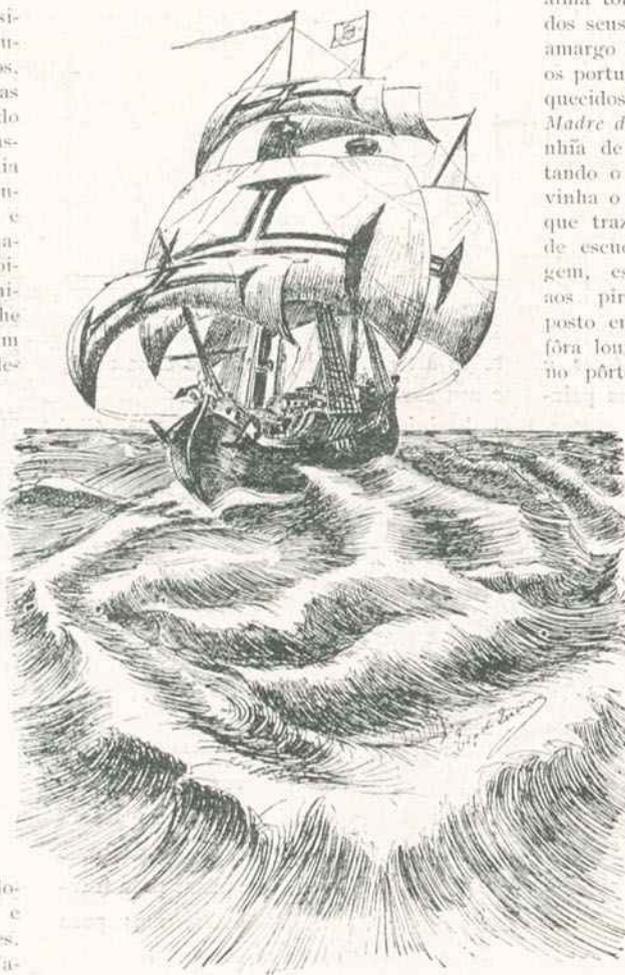
A tremenda explosão que terminou este combate, em que o heroísmo português lutou contra o número e a astúcia asiática, foi o primeiro eco da decadência do poder de Portugal no Oriente.

Os portugueses no seu soberbo esforço de descobertas tinham aportado ao Japão em 1542. Marinheiros, soldados e mercadores audaciosos, duma energia de ferro, animados por uma fé inquebrantável, souberam insinuar-se terra a dentro no seio daquelas populações estranhas, de costumes tão diversos. Espalharam a ideia cristã, fundaram colónias e feitorias e, ao cabo de pouco tempo todo o comércio exterior do império do sol nascente se fazia por intermédio da companhia portuguesa de Macau. O negócio era abundante e lucrativo, floresceu com opulência e não tardou a excitar a cobiça de outras nações aventureiras. Os espanhóis das Filipinas e a seguir os holandeses, resolveram minar a influência de Portugal e arrancar-lhe um tão rendoso campo de operações. Foram épocas de intrigas, de lutas, de batalhas desesperadas. Os piratas holandeses, os marinheiros de Espanha, singravam na rota dos portugueses, emboscavam-se entre as ilhas e nas profundas enseadas para abordar, destruir e pilhar as caravelas, as naus e os buques de Portugal; e entretanto desembarcavam agentes cheios de astúcia que empregavam todos os meios para atrair as boas graças do Shogun soberano, tentando obter tratados de comércio. O mar da China estremeceu muitas vezes ao troar das bombardas, aos clamores da abordagem e um sangue generoso tingiu as suas águas.

Mais tarde, os próprios japoneses começaram a conspirar contra o império de Portugal. Ao serviço dos portugueses não tardaram em aprender a arte subtil dos negócios, e pouco a pouco estabeleceram companhias e feitorias que se iam apoderando do comércio. Imitadores inegualáveis, construíram embarcações e fizeram-se ao mar visitando países distantes. Tokugawa Teyassu, senhor absoluto do Japão, foi entre 1604 e 1613 a alma destes empreendimentos e grandes Daimyos, altos e poderosos senhores tais como Shimazú Nabeshima e Arima Harunobu tornaram-se armadores e mercadores, fizeram sulcar os mares e fundaram colónias florescentes em muitas regiões do extremo oriente.

Arima Harunobu foi de todos eles o mais

empreendedor, a sua audácia igualava a sua manha. Convertido ao cristianismo tinha com os portugueses relações de confiança e foi deles que aprendeu o que era necessário aos seus planos ambiciosos. Com outros Daimyos cristãos da província de Kiúskú enviou embaixada ao Papa Gregório XIII e a vários soberanos do Ocidente. Três membros da sua família viajaram pelo mundo ocidental, estudando a arte de comércio e trouxeram-lhe informações preciosas que o habilitaram desde 1606 a dar começo a expedições de larga envergadura. Teyassu apoiou esta empresa e auxiliou Arima dando-lhe grandes somas e presentes de valor. Durante mais de dois anos os agentes de Arima navegaram o Mar Amarello e assinaram tratado de comércio com o faustoso rei de Cambodge. Em 1608, na jornada de regresso, abrigaram-se em Macau



onde ventos contrários os forçaram a invernhar, fundeando lado a lado com outros navios japoneses retidos pela mesma causa no porto português.

Fortes do seu grande número, abarrotados de riquezas, orgulhosos das suas proesas as tripulações japonesas, esquecidas das leis de

cortesia e prudência, tornaram-se agressivas e cometeram grandes excessos. A paciência dos portugueses esgotou-se e o governador, André Pessoa, homem inteiro, mais enérgico e arrogante do que hábil diplomata, mas leal e generoso, viu-se forçado a intervir. Interviu certo dia, quando as provocações se haviam tornado intoleráveis. Deu-se uma verdadeira batalha, morrendo homens de parte a parte. Para terminar a refrega, André Pessoa mandou assaltar as casas onde os japoneses se haviam entrincheirado, e ao termo de uma luta selvagem aprisionou-os todos. Preparava-se a castigá-los exemplarmente quando um prelado, implorando a sua clemência, o convenceu a fazer graça em troca dum escrito, assinado pelos vencidos, em que estes se declaravam culpados e factores do motim. Por fim os japoneses abandonaram Macau, mas, chegados à pátria negaram as suas culpas e acusaram André Pessoa de lhes haver extorquido nas torturas aquela confissão, e de haver posto embargo sobre uma grande parte dos bens que haviam conquistado!

Pode conceber-se quanto estas declarações exaltaram Arima e todos os japoneses, e na alma tortuosa do Daimyo, lesado por culpa dos seus agentes desonestos, fermentou um amargo rancor e a ideia de vingança contra os portugueses. Pareciam estes incidentes esquecidos quando, em meados de 1606 a nau *Madre de Deus* o mais belo navio da companhia de Macau aportou a Nagasaki ostentando o pendão de Portugal. A comandá-la vinha o governador André Pessoa e a carga que trazia podia avaliar-se em um milhão de escudos de ouro. Tivera uma rude viagem, escapara com audaciosas manobras aos piratas holandeses que se haviam posto em cilada nas costas de Formosa, e fora louvando Deus que saltara o seu ferreiro porto de Nagasaki.

Pessoa desembarcou num surdo rumor de hostilidade e de mau entendimento, mas, descuidado e sem temor, entrou no povoado seguido apenas por uma pequena companhia de homens de armas. Dirigiu-se à residência de Hasegawa Sahyôe, governador da cidade, a prestar-lhe homenagem de cortesia e a entregar-lhe, conforme uso, ricos presentes. Depois, queixando-se altamente, mostrou-lhe cópia do escrito em que os japoneses se confessavam autores das sangrentas desordens de Macau. Os magníficos presentes, o tom altivo e a expressão de verdade das palavras do português pareceram convencer Hasegawa, e estabeleceu-se entre os dois homens uma tal corrente de confiança que este se ofereceu para enviar a Sampo, residência do Shogun Tokugawa Teyassu, um emissário de Pessoa para advogar a causa portuguesa que Arima estava tentando envenenar.

As dificuldades pareciam portanto aplanadas, e dava-se começo à descarga da *Madre de Deus*, quando, fomentado por gente de Arima, se ergue um sangrento grito. Hasegawa, perante a exaltação das massas,

voltou-se contra Pessoa exigindo-lhe a entrega de reféns. Pessoa recusou com energia, e Hasegawa, simulando complacência, não insistiu. Passou mais tempo; repetiram-se os conflitos. A intriga e a violência eram mal temperadas pela justa arrogância do português e pela falácia do japonês.

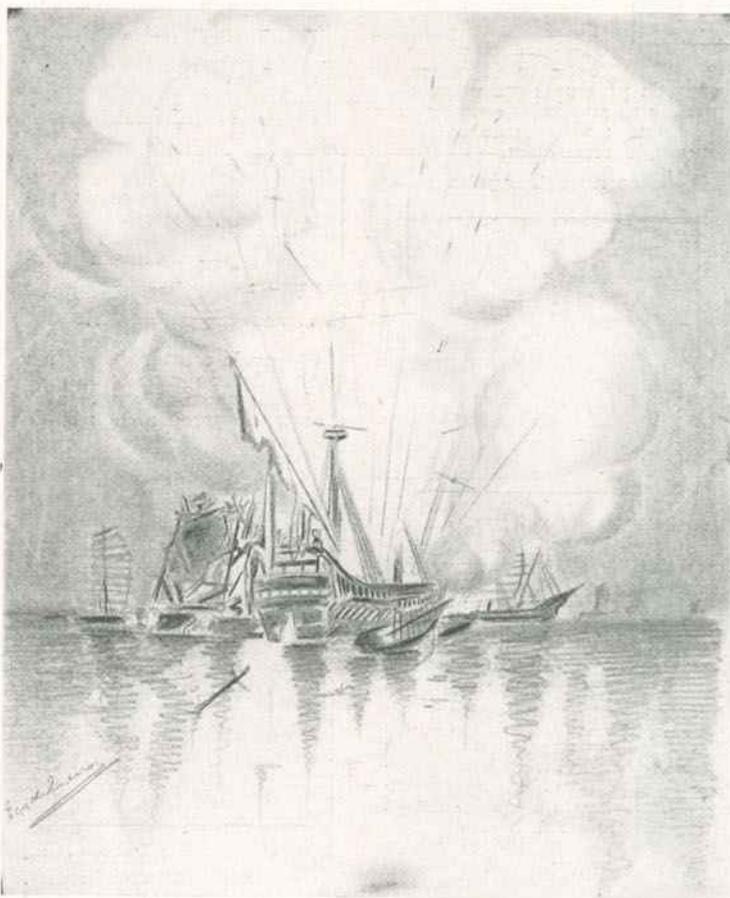
Então, André Pessoa, sentindo a necessidade dum apoio mais forte resolveu obter audiência do soberano Teyasu. Ao ter conhecimento deste intento a cólera e o terror de Hasegawa foram grandes e, sem perca de tempo, auxiliado por Arima, escreveu um relatório sobre os sucessos de Macau e Nagasaki, em que tóda a culpa recaía sobre Pessoa e sobre os portugueses. Foi o próprio Arima que, ganhando um dia sobre o capitão português, apresentou o relatório ao Shogun. O Shogun era justo mas era cúvido, e, indiferente às razões da «honra nacional ofendida» que Arima invocava, cedeu à esperança de capturar os imensos tesouros da nau *Madre de Deus!*

Pessoa não foi recebido. Sentindo a tempestade amontoar-se em torno d'ele resolveu abandonar o Japão e retomar a rota de Macau, mas não antes, naturalmente, de liquidar a carga da nau do seu comando. E, entretanto, o Shogun ordenava a Arima que atacasse e tomasse a nau *Madre de Deus* e que lhe trouxesse a Sumpu a cabeça de Pessoa!

Informado que Arima baixava da fortaleza de Shimabara à frente de 1.200 Samurais, André Pessoa fez soar o alarme chamando a sua gente para bordo; mas Hasegawa, com a traição no peito, já mandara cercar e prender muitos portugueses, e foi com um reduzido número de valentes que o heróico capitão se refugiou a bordo, resolvido a bater-se até ao último alento, com a audácia e o valor que eram o honroso apanágio dos capitães portugueses daquela época de ferro!

Chefiando 30 juncos e seguro da vitória Arima arriscou o primeiro gesto de guerra, mas os portugueses faziam boa guarda e os atacantes desistiram. Então o Daymio quis valer-se da astúcia temendo que a presa lhe escapasse ao menor sopro de vento. Aprisionou o Bispo de Nagasaki, D. Luís de Cerqueira, e ameaçando-o de morte tentou convencê-lo a atrair a terra o governador de Macau, afirmando que só albergava intuítos de bom acôrdo, mas D. Luís de Cerqueira, sujeitando-se a conseqüências mortais, recusou com a maior indignação, e Arima compreendeu que só a força lhe podia dar a vitória.

Com tódo o pano sóto Pessoa esperava o vento mas, nem um bafo soprava na enseada, e a 6 de Janeiro, noite alta, Arima dispôs-se a investir. Em duas linhas os seus juncos cercaram a *Madre de Deus* e, animados pelo silêncio que reinava a bordo, aproximaram-se audaciosamente, irrompendo em grita medonha e cobrindo a orgulhosa nau duma chuva de setas inflamadas e do fogo nutrido de mosquetes. Durante momentos Pessoa não respondeu, e os Junkos carregados e ressoantes do tilintar de ferros apertaram mais o cerco, prontos à abordagem. Então, da nau desdenhosa, a intervalos iguaes, cinco tiros de peça chamejaram e a metralha varreu a flotilha japonesa; os ecos rolaram nas montanhas e, logo a seguir, no silêncio nocturno, com pasmo do inimigo, ouviu-se um concerto



de flauta com se os defensores festejassem a batalha! Atônitos, vexados e desmoralizados, os Junkos retiraram perseguidos pela ironia da música que se elevava a bordo da *Madre de Deus!*

Então, durante os dias de 7, 8 e 9, dias de calma implacável, em que a nau sem vento era como um rochedo no mar, os ataques seguiram-se aos ataques. Dezenas e dezenas de Junkos, de brulotes e de engenhos mortíferos assaltaram a nau heróica, que cuspi ferro e fogo. Os portugueses pareciam invulneráveis; repeliavam os brulotes, apagavam os incêndios, a golpes de arma branca decepavam as mãos ousadas que se pousavam nas amuradas, e tódo o tempo, num assomo de magnífico desprezo, o alegre con-

certo de flauta soava como um desafio sarcástico entre o estrondo das bombardas, o crepitar das chamas e o silvo dos dardos inflamados. Cada ataque é repellido, e juncos destroçados derivam cheios de cadáveres.

Mas André Pessoa não guardava ilusões. Sabia que ante o número, a persistência do ataque, a calma que o impedia de safar-se estava condenado! Aceitou o destino com a alma serena dos fortes e preparou-se a bem morrer. Na madrugada de 9 teve um momento de esperança—o vento soprou de terra—loucamente se largou o pano e, entre vivas, a nau começou a navegar. Mas não foi sol de longa dura, à tarde o vento esmoreceu; à noitinha, na abra de Fukuda, estrangulada entre colinas, cafu e morreu de todo.

E Arima voltou à carga para um derradeiro ataque.

Sobre dois batelões conjugados mandara erigir um alta torre de 3 andares, recoberta de peles molhadas e abrigando trezentos samurais armados de arcabuzes, de colubrinas e de bestas. Lançou contra a nau que derivava a sua estranha fortaleza e muitos brulotes chamejantes. Como matilha açulada, os juncos aproximaram-se e uma verdadeira chuva de fogo desabou sobre a *Madre de Deus!* Foram momentos terríveis! A torre dos batelões aferrou-se à pôpa do português, colados ao costado os brulotes ardião furiosamente! Seis horas durou a resistência desesperada, e sempre, entre o fragor e a grita do combate as notas irónicas da flauta esbofetearam o inimigo. Apesar do esforço magnífico o fogo alastrava por tóda a parte, o mastro grande ardia como uma imensa tocha, e as colinas ressoaram disputando-se o eco dos gritos de vitória japoneses!

Então André Pessoa, governador de Macau em nome de El-Rei de Portugal, desce aos paióis do seu navio, manda rachar tonéis de pólvora, e quando a chusma do inimigo assalta e invade a nau, faz o gesto grandioso que grava eternamente a palavra heroísmo no brasão de Portugal, atirando sobre a pólvora um brandão incendiado!

Uma formidável explosão sacode a atmosfera, chamas enormes envolvem a *Madre de Deus* transformando a noite em dia, e a nau, com o seu capitão e a marinhagem e um milhar de inimigos submergem-se no oceano!

**António Eça de Queirós.**

(Desenhos do autor)



A reeleição de Hindenburg

PELA jornada eleitoral do passado domingo em toda a Alemanha, ficou confirmada a reeleição do egrégio marechal Paul von Beneckendorff und von Hindenburg para o alto e espinhoso cargo de Presidente da República do Reich. O velho marechal, que tem desempenhado uma missão verdadeiramente nobre e reconciliadora e emprestou, por assim dizer, à sua pátria o respeito e o valor da sua personalidade, compreendeu, numa hora difícil e crítica, como a Alemanha actualmente necessita, por uma política acertada e por um exemplo de ordem e

disciplina, dar a todo o mundo a garantia para uma paz universal, e não hesitou em sacrificar a sua saúde e os avançados anos da sua idade para continuar no alto posto em que a vontade de todos os alemães, sinceros e confiantes no futuro, o reconduziu.

As experiências do dr. Thoma

ESTE célebre neurologista húngaro tem interessado os meios científicos pelas suas notáveis experiências de hipnotismo com chimpanzés. O dr. Thoma conseguiu hipnotizar e manter



sob o seu domínio estes animais suggestionando-os um por um, ou também em grupo.

Despertador... humano

AQUI está o retrato de Mrs. Smith, que em Londres ganha a sua vida acordando, pela



madrugada, todas as pessoas que necessitem de se levantar cedo.

O teatro no estrangeiro



THE Cat and the Fiddle — traduzido: O gato e a rabeca — original de um novo, caudoso em Londres um retumbante sucesso. A acção decorre entre um rapaz e uma rapariga, ambos estudantes de música no Conservatório de Bruxelas; ela apaixonada da música de jazz, ele só admitindo a música clássica. A cena, acima reproduzida, é uma das mais interessantes da peça, e é escusado dizer que o amor acaba por congregar os dois jovens desavindos, triunfando a música antiga sobre a moderna.

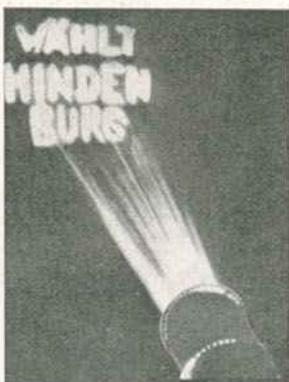
O bi-centenário de Haydn



A nossa gravura representa a comemoração do bi-centenário do grande músico Joseph Haydn em Rohrau — sua cidade natal — vendo-se, entre outras personalidades, o presidente austriaco Miklar e o chanceler Buruch que representaram nas festividades o governo da Austria, país onde Haydn passou muitos anos da sua vida.

A moderna propaganda eleitoral

POR ocasião das duas jornadas eleitorais verificadas recentemente na Alemanha, empregou-se uma propaganda a favor dos diferentes candidatos como não há memória. Entre outros processos causou sensação o dos



projectores que, durante as noites que precederam o dia da eleição, projectavam sobre as nuvens do céu, colossais dísticos. O da nossa gradura diz: Wählt Hindenburg — Votai em Hindenburg.

Um processo original...

...É aquele empregado por um médico americano, de S. Louis, que resolveu mandar decorar as paredes da sala de



operações da sua clínica pela pintora modernista Gisella Loeffler. A artista encheu as paredes de diferentes desenhos e motivos de ornato coloridos, e o médico, que emprega de preferência a anestesia local, pretende, assim, que a atenção dos doentes seja distraída agradavelmente durante toda a operação.

A BÔA GRAÇA NO ESTRANGEIRO



QUANDO O ARTISTA ENCONTRA NA RUA O ALFAIATE A QUEM AINDA NÃO PAGOU O TAYO... (Do «Söndagsnisse-Stein»)

PELO MUNDO FÓRA

Pelo mundo da música

O príncipe Joachim Albrecht von Hohenzollern tem marcado no meio musical de Nova York pelos notáveis concertos dados ali sob a sua regência, e



por outros de violoncelo em que é extinto.

Escola para papagaios

EM Berlim foi inaugurada com sucesso uma originalíssima escola para papagaios aprende-



rem a falar... com auxílio do gramofone e da radiotelegrafia.

# PELO MUNDO FÓRA

Charles Darwin

PASSA no próximo dia 19 de Abril o cinquentenário da morte de Charles Darwin, autor da célebre teoria da origem das espécies por via da selecção natural, que tão acesa discussão provocou nos principais meios científicos do universo.

Charles Robert Darwin nasceu em Schrewsbury, Inglaterra, e muito novo ainda, fez parte de uma expedição científica à América do Sul, no regresso da qual



começou a trabalhar na sua notável e tão discutida obra.

Na U. R. S. S.

CAUSOU sensação em todo o estrangeiro, a forma brilhantíssima como se comemorou na Rússia o centenário de Goethe.

Pelo mundo das letras

Los Tellegen, cujo retrato publicamos abaixo, e que foi, em tempos, o principal galã da companhia dramática de Sarah Bernhard, acaba de publicar um livro de memórias subordinado a este sugestivo título: *As mulheres foram amáveis comigo*. Sustenta a crítica que Tellegen seguiu o exemplo galante de Casanova, e grande tem sido a procura da obra, principalmente do lado do sexo fraco...



O célebre leopardo de Berlim

A CABA de ser julgado em Berlim o pintor Hugo von Othengraven que possuía na sua residência, e em liberdade, um leopardo



que, na ausência do seu dono, matou a filha da mulher a dias encarregada da limpeza em casa do pintor, e feriu esta. O leopardo foi abatido a tiro, e o pintor condenado numa indenização e a um ano de penitenciaría. Von Othengraven aparece na gravura junta com a pele do animal que ele, tão levemente, deixava andar por casa como se de um cão se tratasse.

Lloyd George

CAUSOU sensação e tem sido interpretada diferentemente, a volta à actividade política de Lloyd George. Vemo-lo no curioso instantâneo que publicamos, num violento discurso que pro-



nunciou em Londres contra o governo e a política que orienta as transações comerciais da Inglaterra.

Sinais dos tempos...

O chefe para o empregado — E agora que você completou sessenta anos de serviço exemplar e honestíssimo no meu escritório, vou conferir-lhe o justo prémio das suas virtudes: passo a tratá-lo por *senhor Matias* e já não por *Matias*, como era costume!

Os Porta-Aviões

Por serem cada vez mais frequentes os desastres a bordo dos navios porta-aviões resolveram os Estados Unidos suprimir grande número destas unidades.



Bernhard Shaw

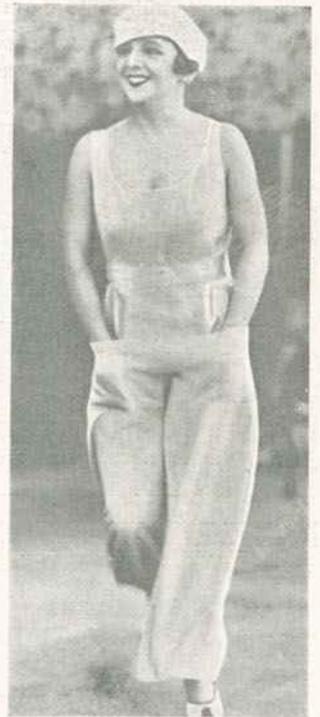
O célebre autor de *Santa Joana* está em férias no Sul da Africa. O instantâneo que reproduzimos, mostra-nos Shaw no momento em que salta para a água para se banhar. Apesar da sua avançada idade, Shaw pratica quasi todos os desportos com notável facilidade.

O rei das marchas

John Phillip de Sousa, filho de um português e de uma alemã, recentemente falecido na



América do Norte, era conhecido universalmente por ser o *rei das marchas*. Efectivamente, este português, dotado de um temperamento musical pouco vulgar, era conhecido em todo o mundo pelas marchas e demais composições musicais da sua autoria, tendo regido uma orquestra com a idade de apenas dezoito anos. Em 1880 foi nomeado director musical das bandas de Marinha dos Estados Unidos, cargo que desempenhou durante doze anos, vindo com a sua banda diferentes vezes à Europa. O notável maestro morreu recentemente com setenta e sete anos de idade.

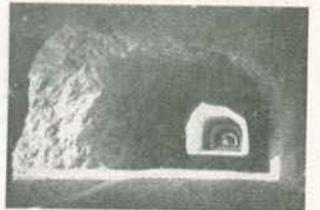


Pijamas...

ESTAMOS a pouco tempo da época das praias, que é como quem diz em boa terminologia à século XX: da *época dos pijamas*. As praias do Atlântico Sul, já mais adelantadas do que nós, regorgitam de alegres e elegantes banhistas como esta.

Uma estrada ideal...

...É a que acaba de ser inaugurada em Itália e que liga Garguano ao lago de Garda e decorre entre túneis consecuti-



vos, por entre os quais se admiram lindíssimos aspectos da encantadora terra italiana.

A CARICATURA NO ESTRANGEIRO



— DEIXA-TE DE BRINCADELAS E DÁ CÁ A BOLA VERMELHA QUE EU BEM VEJO ONDE TU A ESCONDESTES!



## FIGURAS E FACTOS

A Universidade de Lisboa promoveu, numa das salas da Academia das Ciências, uma sessão solene comemorativa do centenário da morte de Goethe. Compareceu todo o corpo diplomático, directores e professores de todas as Faculdades e Escolas Superiores, autoridades civis e militares e membros do Governo.

Na gravura vêem-se as altas individualidades que assistiram à sessão.

### A Academia de Belas Artes

COM extraordinária solenidade, realizou-se há dias, numa das salas do Museu das Janellas Verdes, a inauguração da Academia das Belas Artes.

A sessão foi presidida pelo Chefe do Estado, que tinha na mesa de honra, à sua direita, o sr. presidente do Ministério e dr. José Figueiredo, director do museu e presidente da nova Academia. À esquerda do sr. general Carmona sentava-se o sr. ministro da Instrução e o sr. dr. Monteiro de Barros, director geral do Ensino Superior e de Belas Artes.

Estavam presentes os srs. ministros dos Negócios Estrangeiros, Justiça e Marinha; ministros do Interior, representado pelo sr. tenente Paula Afonso, e Guerra, pelo sr. tenente-coronel Esméraldo Carvalhais, quasi todos os membros do corpo diplomático acreditado junto da República Portuguesa, reitores das Universidades de Lisboa, Coimbra e Porto; professores dessas três universidades e das escolas superiores da capital, uma delegação notável da Academia de Ciências de Lisboa, os membros da nova Academia Nacional de Belas Artes, muitos médicos, advogados, homens de letras e artistas e muitas senhoras.



No Campo Grande efectuaram-se durante esta quinzena várias provas automobilísticas que levaram ali numerosas pessoas a despeito dos dias se terem mostrado carraueiros e ter chovido, por vezes, com abundância.

Na noite da segunda prova realizou-se na sede do Automóvel Club de Portugal a entrega dos prémios aos concorrentes.

Em nome da direcção do club usou da palavra o sr. engenheiro Carlos Santos.

Em nome da comissão desportiva falou depois o respectivo presidente, sr. engenheiro João de Kort, para agradecer a comparença dos concorrentes.

Em seguida foi feita a entrega dos prémios, finda a qual se fez a fotografia que ilustra esta página.

Assim fecharam com chave de ouro, as provas automobilísticas, que o governador civil de Lisboa, sr. tenente-coronel Moura, organizou, com o patrocínio do Automóvel Club. O produto das entradas reverteu para a Assistência Pública de Lisboa.

ESTÁ aberta ao público a 29.ª Exposição da Sociedade de Belas Artes, que reúne, não só trabalhos de pintura a óleo, aguarela e têmpera, como os de escultura, arquitectura, pastel, desenho, gravura e miniatura. São mais de 300 trabalhos de cerca de 100 artistas.

O Chefe do Estado, acompanhado do presidente do Governo e ministros da Instrução, Estrangeiros e Justiça — vê-se na gravura — está rodeado dos expositores e de alguns membros do corpo diplomático, foi inaugurar a exposição no dia 8 deste mês.

Aguardavam o sr. general Carmona, à entrada do edificio, a direcção da Sociedade, representada pelos artistas Varela Aldemiro, Luis Cunha, Rafael Mena, Bartolomeu Rodrigues e Rogério Andrade.

A entrada do Chefe do Estado o sexteto tocou a «Portuguesa» e depois um escolhido programa. O sr. Presidente da República visitou depois demoradamente a exposição, que estava concorridíssima.



# desportos

O Ginásio Club Português  
e o  
Sport Lisboa e Benfica



ANTÓNIO MARTINS



LUÍZ MONTEIRO

portuguesa: chamava-se Luíz Maria de Lima da Costa Monteiro, e após denodados esforços abriu no Instituto Industrial o primeiro curso de gymnástica. Ao calor do seu entusiasmo novas dedicações foram surgindo e formou-se um grupo de apaixonados que lançou as bases de um club. Alugaram então um velho palacete na Carreirinha do Socorro, onde estava uma loja maçónica e que mais tarde veio a ser demolido pela Câmara. O club

ram abertas suas portas em 18 de Março de 1875.

Pouco a pouco novos elementos se agregaram, vindos sobretudo da Escola Académica, como os irmãos Xafredo, Furtado Coelho, Júlio Simas, António Martins, etc., e a instalação começou a mostrar-se deficiente, agravada ainda pelos escassos meios pecuniários de que o club dispunha.

A-pesar de todas as dificuldades o Ginásio começou organizando saraus de beneficência, em 1877 a favor dos inundados, em 1881 a favor das Creches, e o rei D. Luíz, reconhecendo a utilidade da agremiação e quanto ella se impunha à consideração pública, concedeu-lhe em 1882 o título de Real, honra pouco vulgar.

Animado pelo successo das suas iniciativas o club resolveu instalar-se em casa mais apropriada, num gymnásio condigno, e para tal resolveu fazer uma emissão de 500 obrigações de 15\$000 réis para sua edificação. Alugaram uma casa na então rua Nova dos Mártires, onde construíram um chalet que é ainda a sede actual.

Desde esse momento o G. C. P. teve o seu lugar marcado na sociedade portuguesa; organizou concursos, promoveu festas, associou-se a todas as inovações e os rapazes do Ginásio começaram a ser olhados como superiores em audácia e em força, atraíndo sobre si as simpatias publicas.

Ao Ginásio pertence a introdução em Portugal de quasi todos os desportos hoje praticados; criou as primeiras classes de gymnástica, de jogo do pau e de esgrima, esta dirigida pelo glorioso mestre António Martins, de regresso de Paris onde fôra aperfeiçoar-se na arte das armas; fundou em 1890 uma secção náutica, adquirindo quatro guigas, e da qual partiu um grupo de dissidentes para fundar o Club Naval; organizou uma secção velocipedica que par-



A TRIPULAÇÃO DO G. C. P., VENCEDORA DA REGATA DO CENTENÁRIO DE VASCO DA GAMA: 2.º PLANO: AWATA, A. SANTOS, CÉSARIO SILVA, J. BARCELOS. 1.º PLANO: ZEA BERMUDEZ, JÚLIO BOTELHO, CASQUETO

intitulou-se desde logo Ginásio Club Português e dele foi seu único director e professor, por alguns anos, Luiz Monteiro; fo-



O MAIS ANTIGO GRUPO EXISTENTE NOS ARQUIVOS DO GYMNASIO, VENDO-SE AO CENTRO O PROFESSOR LUÍZ MONTEIRO. ENTRE OS RESTANTES: JÚLIO SIMAS, AUGUSTO FERREIRA, ANTÓNIO MARTINS, HENRIQUE MARTINS, LUÍZ WADDINGTON, KARL VON BONHOFER, LUÍZ MARTINS, JAIME PIOMBINO.

Aminzena transacta foi caracterizada pela comemoração dos aniversários de duas colectividades desportivas de papel preponderante no meio nacional: o Ginásio Club Português e o Sport Lisboa e Benfica, 57 anos de propaganda educativa o primeiro, 28 anos de actividade desportiva o segundo.

Relembrar a vida do Ginásio Club é re- viver a história da cultura física em Portugal; elle foi o pereursor, a elle se devem as primeiras e mais audaciosas iniciativas, nele trabalharam as mais simbólicas figuras do movimento impulsionante da educação do corpo.

Aqueles que hoje lidam na campanha dirigidora da educação física, sentem a todo o momento, entravando-lhe o esforço, as mil dificuldades de um meio indifferente, quando não hostil por preconceitos tradicionais e por ignorancia colectiva; transportemo-nos sessenta annos para traz e imaginemos o que representa de arrojô, de tenacidade, de entusiasmo a instalação de uma ideia inteiramente nova e antagonica à indolência do larguesismo, à tradição, ao desconhecimento do meio.

A gymnastica não era tida como elemento educativo, mas sim julgada pelos espectáculos de circo, que tiveram no movimento uma influencia decisiva, pois neles nasceu o desejo, num grupo de rapazes, de repetir por conta própria os exercicios acrobáticos que tanta admiração lhes provocavam.

O circo Price, da rua do Salitre, foi cenário do primeiro espectáculo gymnástico por amadores, cujo successo foi enorme.

Um homem, temperamento de apóstolo, visionário de nova fé, enveredou então pela estrada desconhecida da educação gymnastica, por ella abandonando tudo e acendendo o rasto da paixão que hoje abraza toda a raça

ticipou de diferentes provas no velodromo de Algés; em 1891 constituiu o primeiro grupo português de *foot-ball* e no ano seguinte abre uma escola de equitação no antigo picadeiro Gagliardi na rua D. Pedro V.

Depois foram escolas de natação, de luta, de atlética, de tiro; em 1910 alugou um campo em Algés onde ao domingo se realizavam concorridas classes infantis.

São daquela primeira época, do declinar do século XIX, gymnastas primorosos que fizeram escola, como João Possolo nos seus números de triple-barra e vãos à Leotard sempre aplaudidíssimos e mais tarde Walter Awata, subdito inglês de origem japonesa, que se tornou mestre distinto após haver sido artista elegantíssimo.

No campo educativo encontra o Ginásio as suas mais valiosas páginas de glória; a êle se deve a criação de aulas de gymnástica gratuita no Asilo de S. João e nas Oficinas de S. José, e em 1902 a primeira classe de gymnástica succeia dirigida pelo dr. Jorge Santos, recém-chegado de Estocolmo e de iniciativa de Álvaro de Lacerda, então presidente do club.

A sua propaganda estende-se depois ao campo da imprensa, onde a actividade agitante e moça de José Pontes eria métodos novos; o Ginásio impõe-se no meio intelectual organizando conferências pelos mais competentes médicos e professores, a rotina desaparece e o país fica sabendo que o club se não acorrenta a um propósito de acrobatismo mas procura instituir, em bases sólidas, uma gymnástica pedagógica, praticando, modificando, estabelecendo métodos que são modelares.

Estas tradições gloriosas, pesadas de louros, tecem sempre norteado o pensamento de todos os dirigentes da velha agremiação, eternamente jôvem pela sua actividade, os quais souberam e sabem manter o seu club na vanguarda do movimento educativo, acompanhando os novos métodos, orientando-se nas modernas escolas.

O brilhante sarau comemorativo do seu 57.º aniversário, foi eloquentemente demonstrativo do ecletismo e da intensidade de trabalho no Ginásio; vendo a mocidade, o garbo, o vigor dos atletas exibidos, dignos sucessores das figuras

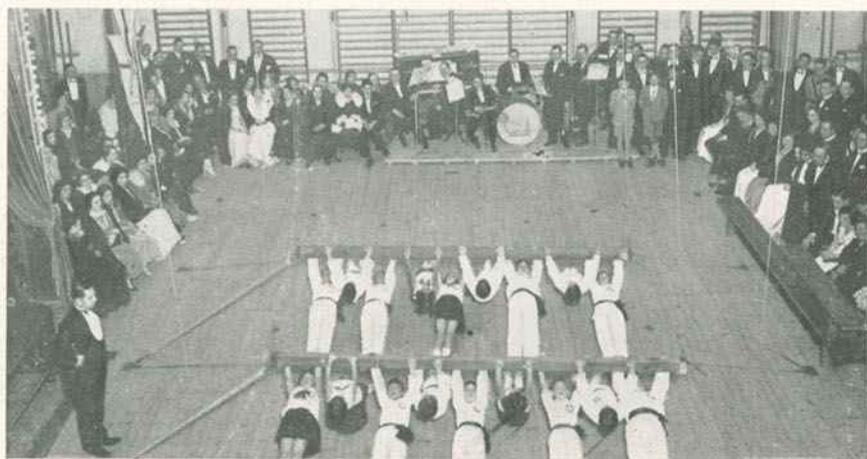


OS ATLETAS DO GIMNÁSIO EM 1896. DE PÉ: GOMES DA COSTA, RUSSEL, PEDRO DEL NEGRO, J. BARCELLOS, BOGGES DA COSTA. SENTADOS: J. SOUSA, W. AWATA, JOÃO POSSOLO, FILIPE TAYLOR, JOÃO ROUBAUD, ARTUR PEREIRA

saúdosas de outra geração, dos Manuel da Silveira, Levy Jenochio, Cláudio de Oliveira, Artur Santos e tantos mais, colhia-se a consoladora certeza de que o club não desmerece



MANUEL DA SILVEIRA, O HÉRCULES DO GIMNÁSIO, QUANDO ESTEVE EM PARIS BATENDO «RECORDS» DO MUNDO DE FÓRÇA



A CLASSE INFANTIL NO SARAU COMEMORATIVO DO 57.º ANIVERSÁRIO DO GIMNÁSIO. À ESQUERDA O PROF. VEIGA CARDOSO

e tem assegurado um futuro condigno. A atestá-lo, mostrou-se a classe infantil de gymnástica, um grupo aprimorado e gracil de pequeninos futuros atletas e futuras robustas mãis portuguesas, que encantou com os seus exercícios toda a assistência que com inteira justiça aplaudiu a obra moderna e competente do professor Veiga Cardoso.

Na alma de todos nós, os da

minha geração, dorme uma reminiscência de carinho pelo Ginásio, à qual se liga a saudade de uma mocidade perdida, impossível «como a flor de lotus que em cem anos floresce apenas uma vez». Uns mais, outros menos, embora tenhamos seguido vida adiante rotas diferentes, todos começámos no Ginásio e encontrámos em suas salas, na sua escola, pela primeira vez a cultura física, senhora do nosso primeiro amor. E o primeiro amor nunca esquece, fica-nos sempre na vida como um perfume dos verdes anos!

O Sport Lisboa e Benfica, suas camisolas vermelhas como papoulas alacres em campina portuguesa, é incontestavelmente o mais popular impulsor da ideia desportiva no nosso país, sem que seja possível estabelecer em virtude de que influências psicológicas, êle grangeou na alma do povo uma simpatia, um entusiasmo, que fez do club nos primeiros anos da implantação do desporto em Lisboa o estandarte da icia. Depois outros vieram, outros se lhe juntaram e por vezes o bateram; a falange engrossou e o trabalho comum apagou um tanto a posição de destaque que fôra até aí do Benfica. No coração da plebe ficou sempre, porém, o amor cego, incondicional, pelo seu velho idolo.

Hoje, que o desporto atingiu a maioridade e outros clubs igualam, até em tradição, o Sport Lisboa, muitas das suas virtudes e todos os seus delícias provêm desta excessiva popularidade.

A data da fundação do club não pode precisar-se com segurança absoluta; o Grupo Sport Lisboa, falange inicial onde deve ir buscar-se a formação do actual Sport Lisboa e Benfica, deve ter sido organizado nos fins de Fevereiro de 1904. A primeira co-



O GRUPO DO BENFICA QUE EM 1907 DISPUTOU O PRIMEIRO JOGO COM O SPORTING. DE FÉ: TEIXEIRA, PERSÓNIO E JOSÉ NETO, O AUTOR DO FAMIGEHADO DISCOBOLU DA AVENIDA. SENTADOS: BERMUDES, CORGA, L. MÔCHO, MEIHELES, FRANÇA. 1.º PLANO: LUÍZ VIEIRA, COSME DAMIÃO, MARCOLINO

missão dirigente do Grupo foi presidida por José Rosa Rodrigues, tendo Daniel Brito por secretário, e por tesoureiro Manuel Gourlade que foi a alma desta organização inicial.

O Sport Lisboa viu logo de início as suas fileiras reforçadas com a entrada dos rapazes do célebre Grupo da Casa-Pia de Lisboa, que tanto brado deu no velho campo das Salesias e que em Janeiro de 1897 conseguira realizar a proeza de bater os ingleses de Carcavelos por 2-0. Eram do número: Emílio de Carvalho, António Couto, hoje sócio n.º 1 do Sporting Club de Portugal, Jannário Barreto, Albano dos Santos, Cosme Damiano, Henrique Costa, Cruz Viegas, Felix Bermudes e Daniel Queiroz dos Santos. Em 13 de Setembro de 1908 realiza-se a fusão com o Sport Club de Benfica, fundado em 1906, e da qual resultou o Sport Lisboa e Benfica. Em verdade foi mais uma absorção do que uma fusão; o club de Benfica tinha campo e sede, o Sport Lisboa tinha um núcleo de bons jogadores. Os sócios deste ingressaram mais propriamente naquele, que outra coisa. Ficaram os mesmos estatutos e continuaram em exercício os mesmos corpos gerentes. A *equipe* é que ficou a do Sport Lisboa, a camisola vermelha já de gloriosas tradições.

Mais tarde, registou-se nova fusão entre o S. L. B. e os Desportos de Benfica, que possuíam na Avenida Gomes Pereira uma instalação magnífica, um parque de jogos e um rink de patinagem; após ela, firmada em Outubro de 1916, o S. L. B. abandonou o

seu terreno de Sete-Rios, onde lhe sucedeu durante anos a Sociedade Hípica. Finalmente, em 1926, transitou para o estádio das Amoreiras, pertença da colectividade.

Pelo Sport Lisboa e Benfica tem passado muitas das figuras mais populares ou mais



O GRUPO DO S. L. B. QUE JOGOU NA CORUENTA EM 1911: BELAS, POMBINHA, VIRGÍLIO PAULA, C. HOMEM DE FIGUEIREDO, FRANCISCO PEREIRA, AUGUSTO PAIVA SÁBRES, COSME DAMIÃO, LUÍZ VIEIRA, ARTUR JOSÉ PEREIRA, J. DOMINGOS FERNANDES, HENRIQUE COSTA

representativas do nosso desporto, sobretudo do nosso *foot-ball*. Hoje, como em todos os tempos, os jogos de que participa atraem a mais numerosa assistência e, consequência de uma velha e cortez rivalidade, os encontros Benfica-Sporting assumem sempre as proporções de acontecimento máximo.

Data de 1 de Dezembro de 1907, o primeiro encontro entre estes clubs. A fundação do Sporting, no ano anterior, fôra motivo de saída da maioria dos elementos da primeira

categoria dos vermelhos, que reformaram o grupo com jogadores da segunda categoria. Assim se defrontaram os novos adversários no campo da Quinta Nova em Carcavelos, saindo vencedores os leões, por 2-1. Alinhavam pelo Sporting: Emílio, Daniel Queiroz, José Belo, Albano, Couto, Nóbrega Lima, António e Cândido Rodrigues, Eagleson, Viegas e H. Costa; e pelo Benfica: Persónio, Luís Vieira, L. Mòcho, Alves, Cosme Damiano, Marcolino, Bermudes, A. Costa, Eduardo Corga, A. Meireles e Carlos França.

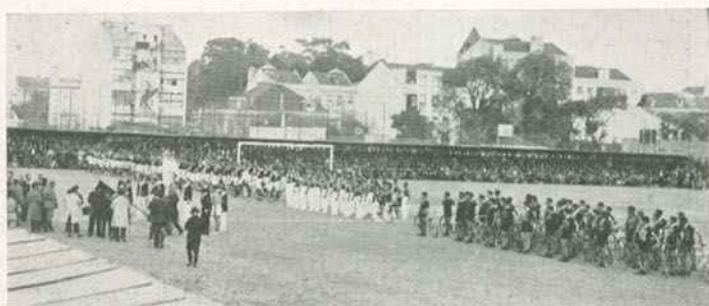
O aniversário agora celebrado, o 28.º, revestiu uma importância especial para a história do club, porquanto correspondeu à aposição da comenda de Cristo na sua bandeira, cerimónia esta que deu lugar a uma imponente parada das forças vivas, reunindo perto de 400 elementos, e constituindo uma significativa manifestação de vitalidade.

Gostaríamos de ter visto, nesse momento em que se galardoava uma existência de luta e propaganda desportiva, abatidos ódios e rivalidades desceabidas, e acompanhando, cercado o estandarte do Sport Lisboa e Benfica, no momento de ser condecorado pelo sr. general Carmona, os estudantes de todos os clubs de Lisboa que, embora adversários em campo, se devem considerar acima de tudo companheiros e camaradas no desporto, reflexamente homenageados com a distinção oficial dispensada ao club das Amoreiras.

Fazendo a guarda de honra, as forças vivas do club englobando os atletas que, sob as suas cores, cultivam os mais variados desportos, constituíam uma impressionante demonstração de actividade.

A ela assistiram, ao lado do sr. Presidente da República, muitas das altas individualidades governantes da nação; oxalá tenham olhado, com olhos de vêr, para essa manifestação de patriótico trabalho de uma agremiação particular, atestando o muito que o desporto português, abandonado, tem conseguido em prol da raça.

**Salazar Carreira**



A PARADA DE ATLETAS DO S. L. B. NO MOMENTO EM QUE O SR. PRESIDENTE DA REPÚBLICA CONDECORA A BANDEIRA DO CLUB

# VIDA ELEGANTE

## Festas de caridade

NO TRINDADE

Por iniciativa da comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, que tem a seu cargo angariar donativos para a luta contra o cancro, da qual fazem parte D. Assunção Moraes de los Rios da Câmara, D. Carlota da Cunha e Meneses da Câmara, Condessa de Avilez (D. Virgínia), Condessa de Ficalho, Condessa de Mafra, D. Eugénia Manoel (Atalaia), D. Maria de Villena Magalhães Coutinho da Câmara, D. Maria Madalena de Trigueiros Martel Patrício, D. Maria de Santana Benard Guedes, D. Mécia Mousinho de Albuquerque e D. Octávia Stomp Martins Pereira, realiza-se na tarde de domingo próximo, no teatro da Trindade, gentilmente cedido pelo empresário sr. José Loureiro, uma interessante *matinée* organizada pelos ilustres artistas D. Lucília Simões e Erico Braga, sendo o programa o seguinte: 1.ª parte, representação das peças em um acto *O exame do meu menino*, original de Augusto Cunha, e *Leitura e escrita*, dos Irmãos Quintero. 2.ª parte a revista em um acto e quatro quadros, original de Costa Pereira, com música de todos os maestros e compositores portugueses, intitulada *Puzzles*. 3.ª parte a representação de *O processo de Maria Domingo*, escrita expressamente para esta festa por Augusto da Cunha e 4.ª parte, Concerto.

Os poucos bilhetes que restam estão à venda no camaroteiro do teatro.

NO CASINO ESTORIL

Na noite de 30 do corrente, realiza-se no novo Casino Estoril, uma festa de caridade.



A SR.ª D. MARIA DO CARMO ALVES DE CARVALHO LOBO DA SILVEIRA (ALVITO) E O SR. JOAQUIM DE MASCARENHAS FIUZA, POR OCASIÃO DO SEU CASAMENTO, REALIZADO NA CAPELA DA RESIDÊNCIA DA MÃE DA NOIVA

dade, organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade e do corpo diplomático, da qual fazem parte D. Julieta Gomes de Amorim de Orey, D. Maria Adelaide de Castro Pereira de Balsemão, D. Maria do Carmo Castro Pereira de Carvalho, D. Maria Geneviva Pinto Basto, D. Maria Isabel de Castro Pereira de Arriaga e Cunha, Marquesa de Tancos, Ministra da Alemanha, Miss Andan, e Viscondessa de Asseca (D. Luíza), a qual constará de um jantar à americana.

As mesas marcam-se pelo telefone Estoril, 251, ou para casa de qualquer das senhoras da comissão organizadora.

## Festa de homenagem

Na noite de quarta-feira, 27 do corrente, realiza-se no Cinema Palácio uma festa de homenagem aos cronistas mundanos srs. Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques, organizada pela empresa desse aristocrático cine das Avenidas Novas, estando o programa a ser elaborado com verdadeiro critério artístico, fazendo-se nessa noite *repris*e de dois sensacionais filmes sonoros de êxito garantido.

A noite de quarta-feira, 27 do corrente, no Cinema Palácio, vai decerto ficar marcada nos anais mundanos desse salão como uma das mais brilhantes da temporada.

## Casamentos

Com grande brilhantismo realizou-se, na capela da elegante residência da sr.ª D. Joana Alves de Carvalho Lobo da Silveira, viuva do sr. Manuel Lobo da Silveira (Alvito), o casamento de sua gentil filha D. Maria do Carmo com o sr. Joaquim de Mascarenhas Fiuza, filho da sr.ª Luíza Mascarenhas Fiuza e do sr. José de Lencastre Fiuza.

Serviram de madrinhas a mãe e a irmã da noiva, sr.ª D. Maria José Lobo da Silveira Bleck, e de padrinhos o pai e o tio materno do noivo, sr. Conde da Torre.

Celebrou o acto religioso o prior da freguesia das Mercês, reverendo Marques, que antes da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimónia religiosa, durante a qual foram executados no órgão vários



CASAMENTO DA SR.ª D. SIMONNE BERRIÉ, COM O SR. JOÃO BATALHA MANZONI DE SEQUEIRA, REALIZADO NA PAROQUIA DOS MÁRTIRES, OS NOIVOS SAINDO DA TORRE

trechos da música sacra, foi servido no salão de mesa um finíssimo lanche, partindo os noivos depois para a casa de seus tios, srs. Condes da Torre, na Praia das Maçãs, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artísticas prendas.

—Realizou-se na paróquia dos Mártires, com muita intimidade, o casamento da sr.ª D. Simonne Berrié, interessante filha da sr.ª D. Irene Berrié, com o sr. João Batalha Manzoni de Sequeira, filho da sr.ª D. Adelaide Batalha Manzoni de Sequeira e do sr. António Manzoni de Sequeira, administrador do nosso colega *Diário de Lisboa*.

Foram madrinhas a mãe da noiva e a tia materna do noivo, sr.ª D. Maria da Paz Lopes Batalha, e padrinhos o sr. Júlio Costa e o pai do noivo.

O acto religioso foi celebrado pelo prior da freguesia, reverendo Cabrita, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido na residência da mãe da noiva um finíssimo lanche, seguindo os noivos depois em digressão pelo norte do país, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas e valiosas prendas.

—Na capela alemã, ao Largo das Taipas, realizou-se a cerimónia do casamento da sr.ª D. Felicitas Wimmer, gentil filha da sr.ª D. Alice Wimmer e do sr. Max Wimmer, já falecido, com o sr. Wolfrang Becken, filho da sr.ª D. Heta Herold Becken e do sr. Asvold Becken.

Serviram de madrinha a sr.ª D. Edith Wimmer e de padrinhos os srs. Hans Wimmer e George Lerosch Herold, sendo o acto celebrado pelo reverendo Dr. Gennerich. Terminada a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência dos tios da noiva, sr.ª D. Edith Wimmer e Hans Wimmer, consul da Austria em Lisboa, à Avenida da Republica, um finíssimo lanche, da «Versailles», seguindo os noivos depois para o norte, onde foram passar a lua de mel.

D. Nuno.



109 — LAVADEIRA «IN HERBS» — (Foto do sr. Reis Gonçalves — Lisboa)

CONCURSO FOTOGRÁFICO  
ENTRE AMADORES  
organizado pela  
"ILUSTRAÇÃO"



112 — ANINHOS GAIÃO — (Foto da sr.ª D. Maria Ester Carregal Ferreira — Lourenço Marques)



114 — PRALUDIUM — (Foto do sr. Reis Gonçalves — Lisboa)



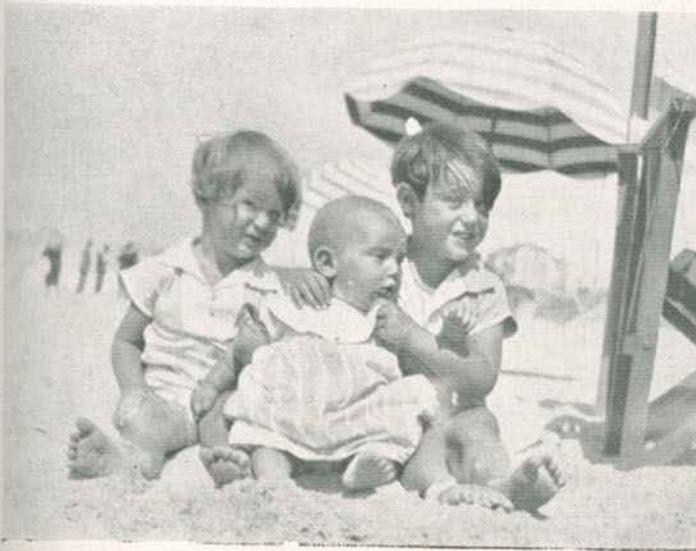
110 — ESTÁTUA DA RAINHA SANTA — (Foto do sr. João Rosa — Lisboa)



113 — DIA DE SOL — (Foto da sr.ª D. Maria Noemi Rodriguez de Araujo — Panchal)



115 — ÁGUILA — (Foto do sr. Leite Pinto — Lisboa)



111 — AS DUAS MANAS E O RAÍZ — (Foto do sr. A. de A. — Lisboa)



116 — ESTUDANTES EM MAHROCOS — (Foto do sr. Josame — Faro)



117 — NEVÃO DE MARÇO DE 1932 — (Foto do sr. João Saraiva Carvalho — Gouveia)



118 — NA SEGRA DA ESTRÉLA — (Foto do sr. João Marques de Almeida — Covilhã)



120 — TENTACÃO DO AQUÁRIO — (Foto da sr.ª D. Maria Rosalina Moreira — Lisboa)



121 — PRAIA DA ILHA DO PORTO SANTO (MADEIRA) — (Foto do sr. José Leite Monteiro — Funchal)



119 — ROUPA SECANDO — (Foto do sr. J. M. — Lisboa)



122 — A ALEGRIA DE VIVER — (Foto do sr. Franz — Lisboa)



123 — O «INFERNO» DA PRAIA — (Foto do sr. A. de A. — Lisboa)



126 — CLAUSTROS DA SÉ DO PÓRTO — (Foto da sr.ª D. Maria Rosalina Moreira — Pórtó)



124 — À ESPERA DE COMPRADOR... — (Foto do sr. dr. Cruz Saraiva — Lisboa)



127 — AO ENTARDECER... — (Foto do sr. Manuel Dias Ferreira — Lobito)



125 — NA HORA DO DESCANÇO — (Foto da sr.ª D. Maria Rosalina Moreira — Lisboa)

### AOS CONCORRENTES

O prazo para a entrega das fotografias termina no dia 30 de Abril.

Não nos é possível manter correspondência com os concorrentes, como seja acusar a recepção de provas fotográficas, responder a perguntas que as bases do concurso explicam, dizer a data da publicação das fotografias, etc.

Devido à grande aglomeração de provas que temos em nosso poder, e que foram recebidas durante os últimos meses, é natural que a sua inserção demore algum tempo.

As provas, mesmo não publicadas, não se devolvem.

# A C T U A L I D A D E S



## A REPÚBLICA ESPANHOLA

CELEBRANDO a passagem do primeiro aniversário da proclamação da República Espanhola, o embaixador daquele país em Lisboa ofereceu um almoço ao sr. ministro dos Negócios Estrangeiros, que se fez acompanhar de sua esposa e filhas. Assistiram também os srs. embaixadores de Inglaterra e Brasil e suas esposas; ministro da América, esposa e sobrinha; ministro da China e esposa; o conselheiro da embaixada, dr. Prieto e esposa; o secretário sr. Costello e esposa; o conselheiro geral sr. Mota e esposa; o coronel Asdensio e os sobrinhos do sr. Juan José Rocha.

## A COLÓNIA INGLEZA

No Teatro do Gimmásio efectuou-se há dias, sob o patrocínio do embaixador de Inglaterra, uma recita a favor das instituições de beneficência inglesas, promovida pela colónia inglesa de Lisboa. Foi a cena a peça *O comboio fantasma*. Da interpretação se encarregaram diversos membros da colónia, que mantiveram, mercê dos seus dotes cênicos, um excelente ritmo de representação, num perfeito à vontade e com uma justeza de detalhe muito apreciáveis e dignos de elogio.

No grupo à direita vêem-se os intérpretes do *Comboio fantasma*, na noite da representação.



## A ASSISTENCIA

EXISTE em Abrantes uma instituição de caridade que tem prestado relevantes serviços à assistência: o Posto de Protecção à Infância.

No domingo de Páscoa efectuou-se um bado às crianças.

A nossa gravura mostra-nos os pequenos que frequentam o Posto de Protecção envergando os enxovais, que lhes foram ofertados por um grupo de senhoras da primeira sociedade abrantina.

A direita vêem-se as sr.<sup>as</sup> D. Fernanda Moura Neves, D. Beatriz Santos e D. Maria Cristina Castel-Branco, que dedicam grande carinho ao Posto, desempenhando gentilmente a missão de enfermeiras visitadoras.

Obras de caridade como esta, merecem sempre do público os maiores sacrificios e do Estado uma grande protecção e auxilio.

Dentro de pouco tempo, o Posto de Protecção à Infância de Abrante, será uma das casas de assistência do país com maior desenvolvimento.

# Soliloquios e Comentários



**O**s corações são fogueiras. Primeiro labaredas, depois carvão, cinza quente. O meu é,

ainda, brasa viva. Aquece-te ao seu calor e não temas. Não temas, porque, quando êle fôr carvão apenas, eu saberei escrever, com êle ainda, na imensidade do Tempo e do espaço:— Amo-te!

\*

**H**OMEM que tens ódio, espera. O Tempo te vingará.

\*

**Q**UEM sabe sorrir, sabe viver. Quem sabe rir sabe apenas achar alegre a Vida.

\*

**N**o sofrer e no abster está todo o vencer», diz um adágio popular. Está. Mas não diz que para vencer, sofrendo e abstendo, é preciso ser herói ou santo.

\*

**C**OM o que Pedro sara, Sancho adoece». É certo. Até os sábios dizem que não há doenças, há doentes.

\*

**E**NTRÉ o que em Portugal está por fazer, figura a História do nosso mobiliário. Há um livro de Alfredo Guimarães e subsídios para mais. Agora, Nogueira de Brito publicou um volume da *Enciclopédia pela imagem*. É bom. Mas a História do mobiliário, a enumeração, as fontes, a influência, o inventário, ainda não foi tentado, e fica por fazer.

\*

**É** verdade que a água tudo lava. Mas há coisas que se não vão nem com aguardente, nem com água forte. A água lava tudo o que com água se pode lavar. O resto fica como estava.

\*

**O** *Atlantique*, luxuosíssimo paquete francês da linha do Atlântico-Sul, recomeçou as suas viagens. Diz-se que, em cada uma, o Estado francês perde alguns milhões de francos. Eu direi que ganha. A não ser que a propaganda de um país, o brio de uma grande marinha mercante e o prestígio de uma raça, sejam coisas que se possam avaliar—por que custam algum dinheiro—o inevitá-

vel para não dar a triste nota da pelintrice de quem em tal possa reparar.

\*

**E**M amor não há honra, nem brio, nem orgulho, nem dignidade. Em amor, há apenas o Amor. E êste é suficientemente fútil, frívolo e louco para não querer saber para nada daquelas coisas.

\*

**Q**UANDO se vende a sucessão por um prato de lentilhas o ineviável é comer as lentilhas e dizer mal do negócio.

\*

**N**ão sei porquê, lembro-me hoje de França Amado, o editor que tantos serviços prestou à nossa literatura, e vêjo-o total e absolutamente esquecido. Lembro-me da sua recomendação ao novato, de que estudasse latim, que era a *basesinha*. E verifico que tôda esta gente que por aí anda lhe desprezou o conselho e não tem base nenhuma—nem a do latim, nem outra qualquer. E vão vivendo.

\*

**«Q**UEM tem amores não dorme». Não é verdade. Quási sempre quando se deixa de dormir é na ocasião em que perde o objecto dêles, por traição ou fuga. Essas duas coisas espantam o sono, sem deixar vêr claro que é tolice perdê-lo por tão pouco.

\*

**«H**OMEM velho, saco de azares».

Que, quando êle se disse feliz, nenhuma dúvida há de que o fêz por tonteria.

\*

**H**Á um ditado, bem português, que diz: «Mal haja o caçador doido, que gasta a vida com um pássaro».

Têm dito o mesmo alguns homens a quem, uma só mulher, levou a vida tôda. E só no fim reconhecem que ela não valia um grão de chumbo...

\*

**E**MBORA se diga que a roda da Fortuna nunca é uma, eu digo que é. Sòmente a uns, agüenta-os em cima, e a outros, piza-os debaixo. E da gritaria

que todos fazem é que se pode concluir que não é a mesma, como se não fôssem os mesmos os olhos que riem e choram e a bôca que diz carícias e sôlta palavradas.

\*

**«D**E ingratos está o Inferno cheio», diz o ditado. O Inferno!? Está a Terra tôda, mas a gente só os sente quando êles o fazem sentir na nossa credulidade.

\*

**O** centenário de Goethe! Não há entre os 5 milhões de portugueses mais de 2.500 que lhe conheçam o nome de ouvido, 1.500 que saibam o que êle escreveu e 250 que o tenham lido. E dêsses, 150 são concordes em afirmar que o *Werther* é uma estopada.

\*

**Q**UANDO tudo nos é uma deliciosa mentira para que é que a Vida nos senta na cadeira da Verdade? Só se é para nos obrigar a reconhecer que só a Mentira e a Ilusão são carinhosas e ternas. E a gente deseja saber quando a Verdade passa à nossa porta... para pôr a tranca e apagar a luz.

\*

**«N**ÃO comas cru, nem andes com pé nu».

É piada aos vegetarianos.

\*

**A**NDAM nos discos e num fado de Coimbra duas quadras de que se não diz o autor e que são duas maravilhas, que Manuel Laranjeira, que um tiro levou, escreveu. Duas autênticas maravilhas que vale a pena ler e em que vale a pena cismar um pouco:

## O ÚLTIMO DIÁLOGO

*«Ao morrer, os olhos dizem Sempre o mesmo:— Espera aí! Vida não vás tão depressa, que ainda te não vivi...»*

*«E a Vida passa, e a Morte é que responde em vez dela: — «Mas que culpa tem a vida de não saberem vivê-la?»*

Não é magnífico?

Albino Forjaz de Sampaio.

**H**á filmes que nunca alcançam o sucesso que se lhes previa, apenas por errada orientação das empresas exibidoras.

Assim, um filme, que exibido num curto prazo após a sua exibição poderia ter obtido excelente acolhimento, fracassa, às vezes, por completo, apenas porque a sua estreia só chega a fazer-se alguns anos mais tarde.

Este facto é sobretudo sensível quando tais exhibições extemporâneas sucedem com filmes, a que a imprensa criou já uma certa nomeada. O cinema sonoro evolue com incomparável rapidez, e o que ontem era moderno, é já hoje pouco oportuno e estará amanhã, inevitavelmente, envelhecido. Daí a desilusão do público que ocorre a essas exhibições, levado por um nome que a leitura o fez fixar.

*Atlantic* está nestes casos. Este filme de Dupont teria sido oportuno há dois ou três anos, logo após a aparição do sonoro em Portugal. As deficiências de som que hoje lhe podemos notar, por comparação com obras muito mais modernas, passar-nos-iam, então, despercebidas. É o próprio atraso com que foi exibido que nos permite notar, por exemplo, quanto o ruído da casa das máquinas é intoleravelmente artificial e ridículo. Basta para tanto que o

comparemos com uma cena passada em idêntico ambiente no filme *Transatlântico*, ainda há poucas semanas exibido no mesmo cinema. Considerações semelhantes se poderiam fazer acerca de muitas outras passagens do filme.

A par disto, *Atlantic* conta grande número de deficiências técnicas: o uso evidente de *maquettes*, o emprêgo de *trucs* infantis, etc. Tudo isto que se justificava bem na época em que foi realizado e que a novidade do espectáculo sonoro fazia aceitar com benevolência, deprime hoje a obra aos olhos do público, que se habituou a ser mais exigente.

Considerada agora sob o ponto de vista de criação dramática, *Atlantic* está longe do que dele poderíamos esperar. Dupont — cuja capacidade de criação se nos afigura ter ficado esgotada em *Variedades* — pouco aproveitou do vasto tema sobre que baseou este filme. Não extraía do assunto o potencial dramático que ele contém. Complicou a acção com intrigas acessórias. Sobreretudo, não soube imprimir à sua obra o ritmo que a acção exigia, ritmo crescente de agonia que deveria atingir

# Cinema

## Revista das Estreias

o auge com a submersão total do gigantesco barco. Onde uma sucessão rápida de imagens devia procurar dar-nos a sugestão da iminência da catástrofe, vamos encontrar longas

seu complicado material nas profundidades do misterioso continente africano. Sob este aspecto, a obra que estamos apreciando é digna do maior aprêço. Essas bobines que, no seu desfilar, vão revelando ao espectador as espantosas lutas das feras na selva, os ritmos estranhos das danças selvagens, a visão majestosa da floresta virgem ensombrada de perigos mortais, são o produto de esforços corajosos, de lutas contra perigos de toda a espécie. Pela primeira vez na história, uma caravana se embrenhou pelo interior do continente negro, arrastando consigo duas toneladas de material, apenas no intuito de realizar um filme. A energia de Van Dyke e seu elevado critério artístico fizeram que de tão notável esforço resultasse um documentário de extraordinário valor e singular beleza.

*Trader Horn* afigura-se-nos ter sido a última palavra sobre o assunto que lhe serviu de base. Outros lhe sucederão, sem dúvida, mais minuciosos talvez. Mas nenhum poderá exceder em beleza essas cenas que não é possível esquecer — a visão arrepiante dos grupos de crocodilos que povoam as margens ensombradas dos rios, as lutas impiedosas nas profundezas da selva, as danças ferozes dos canibais e tantas outras.

Aparte um ou outro *truc* inocente, *Trader Horn* pode-se considerar o tipo do documentário perfeito sobre África. Avanta-se a todos os outros, principalmente, pelo dinamismo intenso das suas cenas. Não se encontram nêle fotografias paradas da Natureza, mas sim a reprodução bem real de aspectos da vida intensa das selvas.

De aconselhar se no afigura a aquisição desta obra ou de alguns dos seus trechos de maior valor documentário, pelas entidades oficiais interessadas na questão do cinema educativo. Nenhum meio melhor nem mais proveitoso conhecemos de proporcionar em breves momentos uma lição de história natural sobre uma das faunas mais ricas do mundo.

Manuel L. Rodrigues.



JENNIFER MEYER, A MELHOR PARTENHEIRA DE CHEVALER

cenas teatrais preenchidas por um diálogo palavroso e inútil.

Em resumo: se, como criação dramática, *Atlantic* é uma obra falhada, devemos reconhecer que foi, sobretudo, a falta de oportunidade da sua exibição o que mais prejudicou o seu êxito.

Ocupa lugar de incomparável destaque, entre os restantes filmes estreados, o admirável documentário que é *Trader Horn*.

Para bem apreciar este filme, torna-se necessário, em primeiro lugar, pôr de parte todo o convencionalismo do seu argumento e ver nêle apenas o mais extraordinário documentário até hoje realizado sobre o imenso continente negro. *Trader Horn* baseia-se, de facto, num romance de reduzida imaginação, assás artificioso e inverosímil, mas ilustrado pelas mais extraordinárias e admiráveis imagens que a África nos pode proporcionar.

Como obra cinegrática, *Trader Horn* é um

## CINEMA

## NOTA DA QUINZENA

## Uma empresa productora nacional

Está organizada uma empresa nacional que se propõe criar, entre nós, a indústria dos filmes sonoros.

O facto é, evidentemente, daqueles que se aplaudem sem reservas. Mal avisados andam mesmo, no nosso entender, aqueles que esboçam já críticas a possíveis actos e directrizes da nova sociedade.

O que interessa de momento é simplificar, na medida do possível, a missão dos que tomam sobre si tão pesada como louvável iniciativa, desviando-lhes do caminho as questões com que, entre nós, se usa entrar as boas intenções.

A nova Sociedade de Filmes Sonoros Portugueses deve ser mais do que uma entidade comercial, preocupada apenas com a aplicação especulativa dos seus capitais. Compete-lhe criar em Portugal uma indústria, uma indústria de arte que interessa à difusão da nossa língua e da nossa cultura. Estamos certos que saberá compreender a importância do papel que lhe cabe.

Torna-se necessário, portanto, cercar a iniciativa que se anuncia duma atmosfera de boa vontade, de incitamento e, sobretudo, de confiança. É essa a melhor maneira de contribuir para uma ideia que reúne os nomes de quasi todos os que, vencendo a rotina, alguma coisa têm feito pelo cinema português. — M. R.



O cinema vai tendo as suas grandes reportagens, cheias de perigos, de aventuras e de interesse e pena é que, só tão raramente, elas cheguem até aos nossos ecrãs.

Ainda não há muito que Harry Grey, um audacioso reporter cinematográfico, conseguiu filmar, nos recessos mais íntimos da ilha de Córsega, o temível bandido Spada que, na companhia dos homens do seu bando, consentiu em exhibir, perante a câmara, alguns aspectos da vida árdua que, por montes e brenhas, arrastam esses famosos fora da lei.

Coube a vez, agora, aos contrabandistas espanhóis, que forneceram a Harry Grey, uma pitoresca reportagem, recheada de perigos. O contrabando ocupa, na fronteira da Espanha com a França, numerosos camponezes, que nêle têm uma rendosa indústria. Toda a fiscalização aduaneira resulta inútil em face das condições naturais que parecem favorecer o contrabando. O tráfico faz-se através dos Pirinéus, cujos recessos e passagens só os contrabandistas conhecem e onde a acção dos guardas fiscais não pode exercer-se eficazmente.

É claro que estas reportagens nunca se fazem sem perigo. Dum lado é a guarda fiscal ou as autoridades que suspeitam dos manejos incompreensíveis dos operadores, das suas misteriosas excursões, das suas entrevistas com gente duvidosa. Do outro, são os próprios bandidos ou contrabandistas, sempre suspeitosos, vendo nas demarches e propostas dos reporters um estratagemma para os apanhar.

E é entre estes perigos opostos, em condições excepcionalmente difíceis, que se impressionam alguns rôlos de película que tra-

e em que o célebre artista contracena com Jeanette Mac Donald, a sua melhor partenaire desde a *Parada do amor*, de famosa memória.

A semelhança deste último filme, *Uma hora contigo* foi dirigida por Ernest Lubitsch, o que é promessa dum filme cheio de espirituosas situações. A música é do famoso compositor vienense Óscar Strauss.

Porque se trata dum filme de Chevalier, é lícito esperar que dentro de pouco tempo o teremos nos nossos cinemas, a seguir de *O tenente sedutor*, cuja estreia se anuncia para breve.



Bernstein, o grande dramaturgo francês, acaba de escrever, especialmente para o fonocinema, um argumento que tem o título de *D'autres cioux*, e cuja realização será confiada a Augusto Genina, o excelente animador de *Bairro latino*, *Prémio de beleza* e outros filmes de êxito.

Quando será que aos dramaturgos portugueses se oferecem idênticas oportunidades?



São raros, no cinema, os casos em que o êxito artístico favorece uma família durante duas gerações. Se exceptuarmos o caso das irmãs Bennett, tão célebres hoje como os seus progenitores o haviam sido muitos anos antes, e de Douglas Fairbanks Júnior, melhor actor que seu pai, poucos mais exemplos encontraremos.

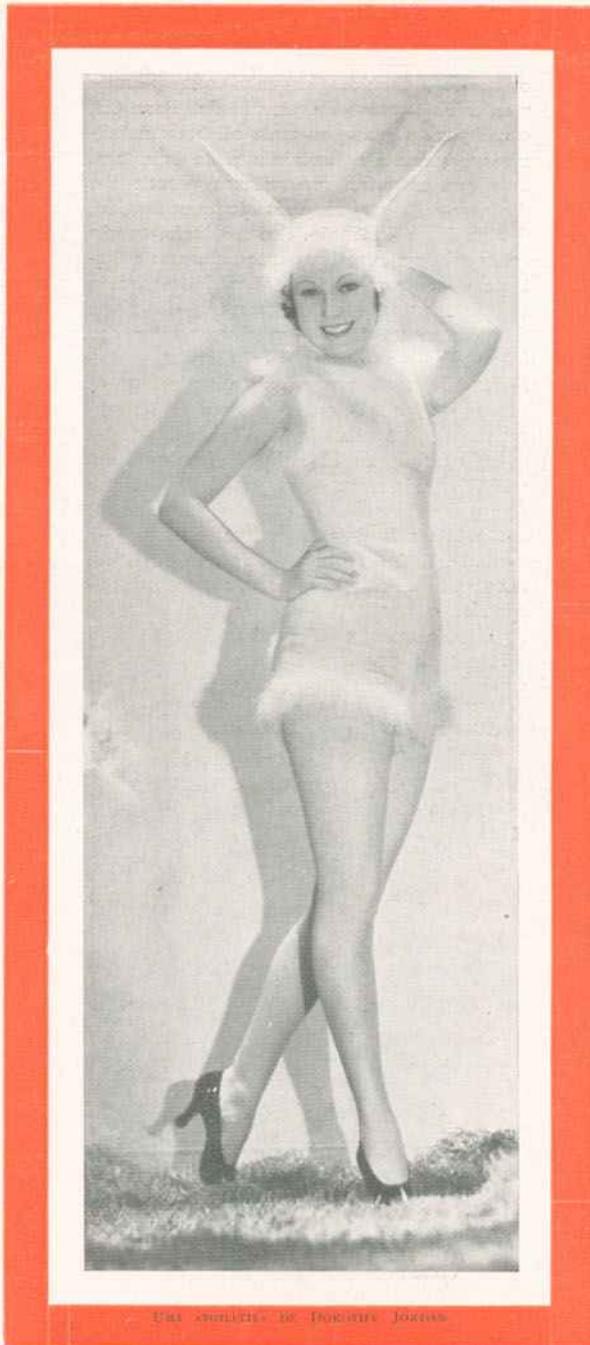
Apesar disso, registam-se, de tempos a tempos, tentativas destinadas a contrariar esta lei, mas que quasi sempre fallham em absoluto. Anuncia-se, agora, que um filho de Noah Beery vai interpretar o filme *Heróis do oeste*, que outro filho de Wallace Reid assinou já contrato com a *Universal*, e que Chaney Júnior fará, em breve, a sua estreia no cinema.

Trata-se, como o leitor compreende, da exploração de nomes célebres. Mas quantas vezes essa exploração é improficua! Após a morte de Rodolfo Valentino, pretendem-se fazê-lo substituir, na admiração do público, por seu irmão. Chegou a recorrer-se, para isso, a uma delicada intervenção cirúrgica, que tinha por fim dar ao nariz deste as linhas regularíssimas do do famoso actor. Tudo foi inútil. Valentino tinha morrido e, com êle, a idolatria do público, que poder algum do mundo poderia ressuscitar.

Parece-nos natural que igual sorte esteja reservada aos descendentes de nomes célebres que agora surgem, ansiosos de popularidade.



Anny Ondra, a espirituosa actriz que ainda há pouco tão grande successo alcançou no filme *Anny no Paraíso*, vai aumentar mais ainda a sua popularidade em Portugal. O seu próximo filme, que Charles Lamac vai dirigir em Viena será falado em francês, e nêle poderemos apreciar a simpática artista num idioma mais acessível.



UMA AMIGUETA DE DOROTHY JORDAN

zem ao espectador uma visão animada das verdadeiras aventuras.



Foi já exhibido em Nova York e, ao que parece, com geral agrado, o último filme de Chevalier, que se chama *Uma hora contigo*.

# CINEMA

## A MÁQUINA DE EXPLORAR O TEMPO

**P**RETENDER que o cinema é uma das maiores descobertas científicas do nosso século pode afigurarse exagerado. A enunciação categórica de tal princípio faria mesmo sorrir com superioridade alguns sujeitos circunspectos para quem o mais popular espectáculo do nosso século é apenas uma aplicação prática de certos conhecimentos científicos, sem qualquer alcance filosófico. E foi sem dúvida dentro deste critério que um membro da Academia Francesa — digno émulo do outro que insultou um dos inventores do fonógrafo, supondo-o um farfante com aptidões de ventríloquo — definiu o cinematógrafo como «nada mais do que uma lanterna mágica aperfeiçoada».

Ora o cinematógrafo deve ser considerado como a invenção do nosso século mais fértil em recursos e aplicações, e aquela que mais vasto campo oferece à especulação filosófica. Vejamos porquê.

Os princípios fundamentais da cinematografia são, como se sabe, dois — a análise e a síntese do movimento. Pelo primeiro o movimento é decomposto numa série de imagens e reconstituído, pelo segundo, mercê da persistência das impressões retineanas, descoberta já no século XVIII pelo Abade Nollet. Esta análise do movimento é já o princípio essencial da fotografia instantânea, e representa a fixação dum aspecto da matéria tal como ela se nos apresenta numa limitada fracção de tempo. Ora como o tempo só se manifesta através da modificação da matéria sensível, resulta que esta análise do movimento constitui, dum certo modo, a análise do tempo.

Por sua vez, a síntese dá a este maravilhoso instrumento os mais vastos poderes de exploração do tempo. Decomposto este em fracções, a reconstituição faz-se à vontade. Basta inverter o sentido de projecção da fita estreita de acetato-celulosa para que a sucessão do tempo sofra a mais imprevisível transformação. O movimento recua dentro da unidade do tempo. Se em vez disso realizarmos a análise do movimento dentro de fracções de tempo bastante distanciadas, aí temos o movimento acelerado até ao impossível — uma planta, por exemplo, crescendo, cobrindo-se de flores e secando em poucos segundos. Mas se, pelo contrário, encurtarmos essas fracções, aumenta a lentidão do movimento, a matéria reveste aspectos até então ignorados, que escapam ao limite da nossa percepção visual e cria-se, assim, como que uma sucessão fictícia do tempo.

As aplicações científicas destas propriedades são evidentes. Por um lado, a exploração do tempo permite analisar movimentos que, por demasiado lentos, não podem ser apreendidos

pelos sentidos. Por outro, permite a observação de movimentos excessivamente rápidos que doutro modo nunca seriam conhecidos. O retardador — baseado nêsse princípio — torna possível observar o movimento dum projectil, revela o bater das asas de alguns insectos e descreve muitos outros fenómenos igualmente rápidos, que apenas através dêles podem ser estudados. As suas aplicações são imensas no domínio das ciências. E os últimos aperfeiçoamentos introduzidos permitem-lhe decompor o lapso de um segundo na fabulosa soma de 200.000 imagens, o que torna o seu poder de exploração do tempo quasi ilimitado.

Num dos seus mais famosos romances imaginários, H. G. Wells, o genial escritor inglês, descreve a maravilhosa «máquina de explorar o tempo», fabuloso engenho que permite sondar os arcanos da eternidade. Para êle, como para alguns dos mais célebres metafísicos, o tempo é a quarta dimensão do espaço. E a sua máquina maravilhosa permite-lhe deslocar-se, à vontade e em qualquer sentido, dentro dessa dimensão. Ora a ciência, se não conseguiu ainda realizar integralmente a fantasia do romancista, descobriu já, porém, o veículo maravilhoso que permite tôdas essas deslocacões no tempo — o cinema. Por seu intermédio o passado revive, a ordem cronológica altera-se, o movimento accelera-se ou retarda-se. Nada se opõe à sua ambiciosa conquista do impossível. E daqui a muitos anos, os reflexos hoje fixados na película poderão ainda animar a superfície inerte dum *écran*.

É esta a máquina de explorar o tempo — a verdadeira. E servindo-se dela que o homem devassa os abismos do tempo, avança na eternidade, e analisa, para a reconstituir em seguida, a marcha imutável do tempo.

Mas nem por isso deixa de haver quem suponha o cinematógrafo uma curiosidade científica, quem insista em julgá-lo uma aplicação de certos conhecimentos, limitada à reprodução de espectáculos.

É mesmo ainda a saída da sala de espectáculos, após êle ter revelado as suas maravilhosas possibilidades, todos lançam

um olhar desatento para a máquina de projecção, ignorando quasi, que só por seu intermédio o homem pôde explorar o tempo.

Não se acham ainda, contudo, esgotadas as imensas possibilidades que a câmara cinematográfica oferece em todos os domínios pelas sua extraordinárias facultades de exploração do tempo. Sob o ponto de vista científico muito há ainda a fazer. Numerosos fenómenos extremamente rápidos foram já observados pelo retardador, revelando os aspectos mais imprevisíveis. Através dêles, os choques aparentemente violentos não passam de carícias de moléculas que se atraem e repelem docemente. Mas muitos outros restam inexplorados, e a sua análise profunda trará, de certo, à ciência, preciosos conhecimentos.

Mesmo sob o ponto de vista artístico pôde esta reconstituição fictícia do tempo oferecer grande interesse. Não ignoram os realizadores o valor emotivo que ela tem. Epstein, por exemplo, no seu impressionante filme *A queda da casa Usher*, consegue criar no espectador uma acentuada sensação de angústia pelo emprêgo oportuno do retardador. Assim, durante a noite longa e trágica no velho castelo, as fôlhas do livro caem lentamente, os objectos tombam com um torturante vagar, e as longas cortinas, batidas pelo vento, dançam lentas pelo ar como se uma força sobrenatural as animasse.

Para estranhar é que tão singular poder de expressão só raramente tenha encontrado o realizador capaz de lhe dar condigna applicação adentro das suas obras.

Não ficam, porém, por aqui, as maravilhosas possibilidades que é possível prever para essa máquina maravilhosa que, explorando o tempo, pode corporizar as mais estravagantes fantasias. Há pouco ainda que ela conquistou o som, que adquiriu êsse mágico poder de fixar músicas, vozes e ruidos, para os reproduzir através do *écran*. Virá em seguida, sem dúvida, a côr. Mais tarde o relêvo e o cheiro. Nada disto é utópico. Nada sai fora dos limites rigorosos das pesquisas científicas de hoje.

A partir de então, o cinema terá alcançado a reprodução integral da realidade. Podemos admitir que a perfeição atingida vá até ao ponto de tornar impossível qualquer distincção aparente. Assistir-se-á, então, ao espectáculo extraordinário de duas realidades desenvolvendo-se, paralelamente — uma limitada à matéria; outra, sem limites, e criada pela imaginação do homem.

Talvez que então a humanidade, demetida na sua luta imensa para a perfeição, pretenda conquistar essa realidade irreal e lute desesperadamente contra esse mundo de reflexos que ela própria criou.

É para âquem desta visão fantástica dum cinema futuro, que as imensas possibilidades dêste invento se deixam adivinhar. Elas cabem, sem dúvida, nos limites rigorosos dos conhecimentos científicos de hoje.

Basta lembrar que, num futuro que não vem, talvez, muito longe, as imagens cinematográficas poderão deslocar-se no espaço, transformadas em vibrações

do eter, tão vulgarmente como as emissões radiofónicas que hoje se cruzam na atmosfera.



EGGY SHANNON, UMA DESENVOLTA RAPARIGA DE QUE A «PARAMOUNT» VAI FAZER UMA «ESTRÉLA»

# Vida Feminina

dêlo de noite, usado por Miss Averil Streatfield, uma das mais lindas raparigas da sociedade de Londres e uma das mais *chics* mulheres da Europa. O vestido de Miss Averil é em *crêpe romain* do mais pálido côr de rosa e o casaco de abafa em veludo *mauve* forrado de rosa pálido e guarnecido a raposa cinzenta. Esta *toilette*, de uma requintada elegância, faz sobressair a beleza e a distinção

da linda Miss Averil e ficará bem a qualquer senhora que a queira copiar. No entanto diremos que a ligação do rosa pálido e do *mauve*, só pode ficar bem a uma carnation de loira, porque o *mauve* é um pouco traçoico para certos tons de pele, de morena.

## O que se deve saber...

QUE quando se tem uma jarra que não é cômoda para as flores se pode transformar num candeeiro eléctrico, com muita facilidade, fazendo aplicar, numa loja da especialidade, um bocal com a lâmpada.

Que se pode fazer um *puzzle*, para as crianças brincarem, com a maior facilidade. Aproveita-se o fundo de uma caixa de madeira ou um cartão bem rijo, escolhe-se uma gravura, pode até servir uma capa antiga da *Ilustração*, faz-se goma cozida, com farinha e água, cola-se a gravura no cartão ou na madeira e deixa-se estar 24 horas com bastante peso em cima. Depois, com uma serra fina, começa-se a serrar os bocados, principiando do canto e tendo cuidado de fazer com que as do fim não sejam muito maiores do que as do princípio.

Que o arroz para ficar branco depois de cozido e os grãos separados, se lhe deve deitar uma colher de sopa de sumo de limão na água quando começa a ferver. E dá ao arroz um gôsto esplêndido.

## Leonor de Austria

LEONOR de Austria, rainha de Portugal e de França, é uma glória nossa, porque é a mãe da infanta D. Maria, uma das nossas glórias literárias. Leonor de Austria teve uma vida romântica, vindo para Portugal, para casar com D. João III. O rei D. Manuel, ao vê-la, para si a cubiçou e, ela que para o filho sentia inclinação, teve de casar com

*llettes*, acompanhadas de seus maridos ostentando fatos que rivalizarão com a vistosa plumagem de papagaios e araras. E à noite nem falemos. As *«toilettes»* masculinas, pelo brilho dos setins e pelo vistoso das côres, suplantarão os vestidos femininos, a que a moda impõe discreção nas côres. E como parece que, na tal exposição, com as casacas usavam-se calções, e com os *«smokings»* umas calças género pijama, e já apareceram alguns vestidos de baile pijama para senhora, a confusão será completa. E se não fôsem os

CHEGAMOS a uma época em que tudo é confusão. Está tudo baralhado, e as mulheres demonstram qualidades de inteligência e energia, que antigamente, com raras exceções, eram atributo dos homens. Ainda há pouco um professor de liceu me dizia, que estava assombrado, porque as raparigas, não só se distinguíam nos estudos, sobressaindo em inteligência aos rapazes de uma maneira notável, como na gimnástica demonstravam uma destreza e resistência muito superior à dos seus condiscipulos. Mas não é só no campo prático que as coisas estão um pouco embaralhadas, mas em tudo, e até na maneira de vestir.

É notório que há um tempo a esta parte predominam na *«toilette»* feminina as côres escuras, discretas. O branco e preto é sempre considerada a combinação mais distinta de coloridos, e só no campo e nas praias as côres vivas têm aceitação. Mesmo à noite é o preto que predomina. Ainda há pouco, num elegante jantar a que assisti, notei que as senhoras presentes vestiam tôdas de negro. umas em renda, outras em setim, outras em *«georgettes»*, mas tôdas de preto.

Pois bem, lê-se agora em Paris uma exposição, demonstrando o que será a moda futura, para os homens, e, com espanto foi constatado, que as mais vivas e berrantes côres eram as escolhidas para o traço masculino. Fatos de raia em *«beije rosé»*, em violeta clara, sobretudoos que do rosa, chegavam correndo tôdas as gamas do colorido, até ao vermelho. Os verdes também tinham um lugar de honra. Para cerimónia havia uma *«toilette»*,

que a todos chamava a atenção, e parece que, com bastante agrado dos jovens que à exposição acorreram. Compunha-se de uma sobrecasaca azulada, com botões de prata, e calças amareladas, extremamente justas em baixo, modelando quasi a perna. Para a noite nem falemos. Os *«smokings»* de setim em côres vivas e berrantes, rivalizavam com as casacas, que em opposição às calças e calções tornaram a exposição um verdadeiro arco-iriz.

Se a moda pega, e as coisas estranhas são as que agora entram no gôsto da humanidade, ainda veremos descendo o Chiado, senhores vestindo de negro, em sóbrias *«toi-*

grandes decotes femininos e a ligeira tendência para as cabeleiras mais compridas, não se distinguiriam rapazes de raparigas, e um espectador de idade avançada, que entre num baile, estou convencida, que julgará ter enlouquecido, ou então, o que é mais justo, que os outros enlouqueceram.

Maria de Eça.

## Modas

A alta elegância é aquela usada pelas senhoras da *«élite»* dos vários países e não somente a dos figurinos, que está ao alcance de toda a gente. Damos hoje um lindo mo-



o pai. Poucos anos depois ficou viúva e pequeníssima a sua filha. Razões de Estado a obrigaram a abandonar a filhinha e a ir para França, ser a esposa de Francisco I.

O seu coração viveu 35 anos, da saúde da filha, que adorava, que sabia bela, inteligente e boa. Ela era tóda a sua ternura e enlêvo e só a viu durante vinte e cinco dias, nos últimos anos da sua vida! O que seria o encontro dessas duas almas, todos os corações sensíveis o adivinharão. E não há destino mais doloroso do que o desta mãe, vivendo numa rica côrte magestosa, de que era a rainha, com o coração torturado de saúdaes da filha querida, que longe dela também não era feliz e que dedicou todo o seu engenho às letras portuguesas.

### Abafos de Primavera

COM a primavera abandonam-se os casacos de pele e é necessário ter uns casacos práticos, para as saídas de manhã e para as compras. Esses casacos, género alfaiate, são de uma grande comodidade e, quando bem feitos, de grande elegância. Damos hoje um lindo modelo em *kasha beije*, do mais simples corte e da mais alta elegância. É guarnecido por um cinto muito original em camurça *beije*, com guarnições castanhas. O chapéu é um feltrozinho, guarnecido a palha, de um lindo efeito e que dá um aspecto muito juvenil. A *toilette* é completada por luvas castanhas em *suède* ou pele de cavalo e por uma carteira muito simples, em muito bom couro, guarnecido a metal. É uma *toilette* da maior simplicidade e de uma altíssima elegância, pelo corte e pelo aspecto harmónico do conjunto, sempre muito para atender na *toilette* feminina, seja ela de manhã, de tarde ou de noite.



### O chapéu

É sempre o chapéu um dos complementos da *toilette* que mais prende a atenção e lá dizem os franceses «le chapeau c'est la femme». E na verdade a mulher francesa tem uma graciosidade especial na maneira como escolhe e usa os seus chapéus. São sempre adaptados ao tipo de quem os usa, e não escolhidos ao acaso, porque são moda. Numa das nossas gravuras podemos ver um chapéuzinho de palha, guarnecido a flores, que é um verdadeiro mimo e que fica maravilhosamente a um fresco rosto redondo e a uma cabelreira bem penteada. Este modelo é em preto e as flores em côr de rosa. Em veludo em vários tons, com um aspecto natural, que dá ao chapéu uma grande frescura, que o torna primaveril e encantador. As flores nos chapéus de verão, são a mais bela guarnição e a mais própria. Há anos que elas não apareciam e é com verdadeiro prazer que as vemos reaparecer como guarnição preferida dos chapéus.

### Maria Montessori

NADA mais interessante do que ver um espírito superior de mulher dedicar todo o seu esforço à criança, à sua educação, à sua instrução. Maria Montessori nasceu em Itália, em Chiaravalle, em 31 de Agosto de 1870. Nos primeiros anos da sua infância, a sua família foi viver para Roma, onde ela fez os seus estudos, que a tornaram logo notável; primeiro como médica e depois especialista em educação. Imediatamente se apossou dela a ideia, que fez nascer o seu método, o qual é hoje conhecido em todo o mundo. Aos 25 anos tóda a Europa conhecia o seu nome. Até o fim de 1900 dedicou-se às crianças idiotas, imbecis, epilépticas, recolhidas no Manicómio de Santa Maria della Pietá, em Roma. Trabalhando com as anormais ela pôde estudar os mistérios da alma e estabelecer os princípios de higiene espiritual, que são a base do seu sistema educativo. Em 1906 o engenheiro Talamo, quis abrir em certas casas populares do bairro de S. Lourenço, em Roma, asilos de infância, dentro das próprias casas, para que a criança pobre fôsse educada e não se entretivesse a destruir as casas.



Maria Montessori, como médica e como militante em questões sociais, foi encarregada de organizar a nova obra de protecção, a que se chamou a «Casa da Criança». Ela sentiu-se felicíssima de poder exercitar o seu método em crianças normais. A sua alegria na inauguração da obra, a todos parecia exagerada. Mas ela tinha a compreensão da repercussão mundial que a sua obra teria. Quando, em 1913, anunciou que ensinaria a quem quisesse aprendê-lo, o seu método, reuniram-se em Roma centenas de pessoas de 17 nações diferentes. Maria Montessori fez uma das mais belas obras que uma mulher pode fazer, dedicando o seu espírito a melhorar e instruir a humanidade, e ela merece a gratidão, não só dos compatriotas, como a de todo o mundo, porque espalhou o bem por tóda a parte, espalhando a instrução. Maria Montessori é uma mulher de grande talento e de elevada alma e um coração bem formado.

### Higiene e beleza

NADA mais horrível do que ver um vestido estragado por manchas de suor, que nada há que tire. Há senhoras que têm a infelicidade de suar muito, com o calor, principalmente debaixo dos braços. Esse suor, além de estragar os vestidos, com a continuação faz com que eles adquiram um cheiro repugnante. É necessário lavar-se bem todos os dias e deitar na água, que deve ser morna, duas colheradas da seguinte composição: Água de Colónia, 20 gramas, tintura de benjoim, 20 gramas, água de rosas, 20 gramas. Depois de enxugar bem, esfregar os sovacos,

com bicarbonato de soda e em seguida empõe-se bem com pó de talco. Tendo o cuidado de fazer isto todos os dias, acaba-se com o incômodo suor e o comprometedor cheiro, que, por mais cuidada que uma *toilette* seja, dá sempre a quem o tem um aspecto de porcaria que torna desagradáveis as mais belas mulheres.

**Receitas de cozinha**

**Fileirinhas**— 1 ovo, farinha de trigo, 250 gramas, manteiga, 50 gramas, açúcar, três colheres de sopa, fermento inglês, duas colheres de sopa, leite o bastante para a massa não ficar rija mas que se possa pegar na mão. Mistura-se o fermento com a farinha. Faz-se um buraco no meio, onde se deita o ovo, a manteiga, o açúcar e o leite. Amassa-se rapidamente com a mão. Com a massa fazem-se umas bolinhas, que se põem num taboleiro polvilhado com farinha e deixam-se cozer 10 minutos num forno bem esperto.

**Bonbons de chocolate**— 1 chávena de chocolate ralado, 1 chávena de açúcar branco, 1 chávena de amêndoas torradas e picadas, 1 clara de ovo. Amassa-se tudo muito bem e fazem-se umas bolinhas, que se embrulham em açúcar pilé e se deixam secar. São uns bonbons deliciosos tendo o cuidado de escolher um bom chocolate.

**A casa**

NEM só aos noivos, aqueles que estão construindo o ninho, que será o seu lar, os móveis e assuntos de casa interessam. A todos eles preocupam. Uma casa precisa sempre de ser renovada e, às vezes, ao colocarmos um móvel num sitio diferente, descobrimos um canto, que fica desguarnecido. E mesmo qualquer modificação torna mais interessante a casa, a que dá novidade. Na nossa gravura vê-se como um canto despresado da casa, adquiriu um belo aspecto, até importante, com a colocação de uma estante, de canto, em madeira encaixada, onde se colocam livros e *bibelots* e uma grande jarra com flores. Torna mais harmonioso o seu aspecto a disposição dos quadros que guarnecem as paredes e que facilmente se conseguem com duas bonitas gravuras arrançadas à moderna, com vidro e guarnição em papel em volta, o que é muito mais económico do que as molduras e preferível a uma feia moldura.

**De mulher para mulher**

**Ametista** — Continua a usar-se muito o *georgette* para os vestidos

da tarde. Ainda é cedo para saber qual será o tecido em moda no verão. Apareceram as *toilettes* de meia estação.

**Habildosa** — Usam-se imenso os vestidos de fazenda com o *empiècement* em *crochet* de lã, é de uma graciosa originalidade e, com a sua habilidade, pode fazê-lo em casa variando as cores e os feitios.

**Lírio do vale** — Vou dar a receita que me pede, mas não nesta secção. Na que está destinada a esse género de receitas.

**Elegante** — Claro que dentro de oito dias tem de deixar cartões, agradecendo o jantar para que foi convidada, assim como seu marido. Isso a que chama modernismo é má educação. As praxes da sociedade são sempre as mesmas e, hoje como antigamente, os deveres de cortezia são os mesmos, para quem quer viver na sociedade. Para fazer o que diz, só organizando um grupo à parte de pessoas que pensem da mesma forma.

**Viagem interessante**

ESTEVE em Paris, de passagem, Lady Drummond Hay, que lêz a volta ao mundo, única senhora a bordo, do dirigível «Conde Zeppelin». Esta grande viajante é uma figurinha delicada, de grandes olhos negros, jovem e graciosa. A sua família é muito rica. Seu pai preside um conselho de administração em Londres.

Ela é viúva e não tem filhos. Quando acorda de manhã, respira a plenos pulmões o ar fresco, sente-se feliz e exclama: «Eis um novo dia, que me pertence, e posso fazer o que me apetece». E o que apetece, sobretudo, a Lady Drummond, é fazer em cada dia coisas novas e viajar. Para descansar da sua volta ao mundo no «Zeppelin», a título de férias, foi fazer uma viagem ao norte de África, até aos limites



do Saará. Depois dirigiu-se a Berlim.

A volta esteve três dias em Munique, onde não conhecia ninguém, para escrever alguns artigos, em completo sossego. Depois foi a Paris, onde viveu algum tempo, com o marido, e partiu para Inglaterra abraçar a família, que não via há longos meses. Lady Drummond viaja sempre acompanhada de uma máquina de escrever portátil. Escreve nos comboios, nos vapores, no ar, e os seus artigos são comprados a peso de ouro e são lidos com o maior interesse na Inglaterra, na América e na Escandinávia.

**Trabalhos femininos**

A primavera trouxe-nos a novidade dos encaixes em *crochet* nos nossos vestidos. É uma novidade interessante e que dá muita graça a qualquer *toilette*. Damos hoje um lindo modelo de encaixe e punhos, que refrescam um vestido já usado, dando-lhe um aspecto novo e facilimo de executar, o que o torna extremamente barato. Com um novêlo de lã *Saint Eptin* ou Elena, faz-se o encaixe e os punhos. O ponto é facilimo, como podem ver da amostra e o efeito graciosissimo como verão no figurino. É um trabalho agradável e que se faz com a maior rapidez, sendo uma maneira de renovar uma *toilette* já muito vista. É sempre interessante a mulher que aparece sempre *chic* e graciosa devido à sua habilidade e nada há mais triste do que ouvir dizer a uma senhora nova, que não tem paciência para estes trabalhos, que são os mais próprios para uma senhora.

**Pensamento**

Deus criou apenas para os tolos, os maus que dizem gracejos. — *La Fontaine*.



# Fim de festa

## PALAVRAS CRUZADAS

(Problema)

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
11						12			
13				14		15			
16				17		18		19	
20			21			22		23	
		24							
25	26		27					28	29
30		31		32				33	
34			35				36		
37				38		39			
40						41			

Horizontais

1 — Ave. 6 — Falso brilho. 11 — Pesar para abater o involúcro. 13 — Pintar com as sete cores. 15 — Atração. 15 — Cór simples. 16 — Lista. 17 — Nome de mulher. 19 — Parte de ave. 20 — Artigo. 21 — Bôlo em forma de argola. 23 — Carta de jogar. 24 — Felicidade. 25 — Utensílio. 27 — Serve para escrever. 28 — Parte do navio. 30 — Nome de mulher. 32 — Galinha. 33 — Oferecer. 34 — Roedor. 36 — Tromba. 37 — Liga de ferro e zinco. 39 — Primeiro estado dos insetos. 40 — Correias para atar. 41 — Ligar.

Verticais

1 — Arremessa. 2 — Festões. 3 — Mar da Ásia. 4 — Batraquão. 5 — Elemento. 6 — Pronome pessoal. 7 — Altar. 8 — Polida. 9 — Motivo. 10 — Peirás. 14 — Sobejava. 17 — Pateta. 18 — Aperfeiçoar. 21 — Corte com os dentes. 22 — Medida de tempo. 25 — Pomar de pêras. 26 — Ávido. 28 — Ira. 29 — Pecar. 31 — Ligar. 33 — Bugio da Serra Leoa. 35 — Patrão. 36 — Alcali. 38 — Tempo de verbo. 39 — Nota de música.

## OS LIVROS E A LUZ

Um bibliófilo procedeu a longas experiências para averiguar em que grau as cores empregadas na encadernação dos livros resistem à luz do sol, sem desbotar.

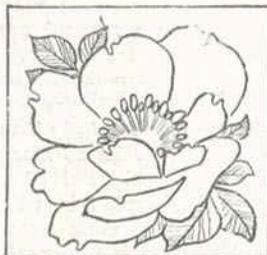
Para esse fim expôs ao sol capas de livros de diversas cores colocadas sobre papel ou pano da mesma qualidade. Cintas de papel impenetrável à luz, colocadas sobre os espécimes a estudar, permitiam apreciar as diferenças de tom obti-

das ao cabo de muitas semanas de exposição. Eis os resultados obtidos, omitindo-se as cores que nem expostas ao sol sofreram alteração:

- Amarelo de crômo: escurece e avermelha;
- Terra de Sienne: destinge muito e passa ao verde cinzento;
- Sepia: clareia, mas conservando o tom;
- Vermelho claro: escurece;
- Rosa: altera-se para amarelo cinzento;
- Cereja: escurece, passa a vermelho carregado e perde a luminosidade;
- Carmim: desmaia;
- Violeta claro: torna-se cinzento e perde a luminosidade;
- Violeta médio: altera-se para cor de rosa;
- Violeta azul: passa para cinzento;
- Cobalto: muda completamente para cinzento;
- Ultramarino: clareia;
- Turquesa: passa a cinzento;
- Verde: todos os tons se alteram para cinzento;
- Cinzento: amarelece.

As cores que mais resistem são: Amarelo de Nápoles, amarelo limão, laranja claro, laranja escuro, verde escuro, amarelo-cinzento, branco, preto e cinzento escuro.

## A ROSA BRAVA



(Solução)

Aqui está a rosa brava que se pretendia formar reunindo os traços separados do nosso desenho do número anterior.

## ONDE ESTARÃO ÊLES?



SE OS NOSSOS LEITORES TIV-REM FACHENCIA ENCONTRAM, NESTA GRAVURA, MAIS QUATRO CONVIDADOS E UM CÃO.



ELA (para o namorado que hesita em entrar no escritório do futuro sógro): — DIZ-S QUE, POR MIM, ABRIAS CAPAS DE PASSAR PELOS MAIORES PERIGOS E NÃO TENS CO-AGEM DE TAREAR POR ESSA PORTA? (De London Opinion)

## PROBLEMA DE BRIDGE

Espadas . . . . .  
Copas. — Dama, Valete, 5, 2  
Ouros — Az  
Paus. — Dama, Valete

Espadas . . . . . **A** Espadas. — 10, 8  
Copas. — 10, 4  
Ouros. — Rei, Dama, Valete, 7, 3  
Paus. . . . . **B** Paus. . . . .

Espadas. — Valete, 9, 3  
Copas. — 3  
Ouros. . . . .  
Paus. — 8, 5, 3

O trunfo é espadas. C é mão e joga o Rei de ouros. A e B devem fazer as vazas todas.

## XADREZ

(Solução)

Jogando como a seguir indicamos chegase depois do 30.º lance das brancas, à posição dada.

Pensamos que o número de lances não poderá ser reduzido.

- |           |           |
|-----------|-----------|
| 1. C3BD   | 1. C3BD   |
| 2. C4R    | 2. C4R    |
| 3. C6BR   | 3. PC×C   |
| 4. C3TR   | 4. C6BR   |
| 5. PC×C   | 5. C3TR   |
| 6. P3D    | 6. P3D    |
| 7. B3R    | 7. B3R    |
| 8. D2D    | 8. D2D    |
| 9. D3B    | 9. D3B    |
| 10. R2D   | 10. R2D   |
| 11. B2C   | 11. B2C   |
| 12. TD1CR | 12. TD1CR |
| 13. B1B   | 13. B1B   |
| 14. C4B   | 14. C4B   |
| 15. T6C   | 15. R1R   |
| 16. T6T   | 16. T4C   |
| 17. T1C   | 17. T4T   |
| 18. T4C   | 18. T1C   |
| 19. T4T   | 19. T8C   |
| 20. T6C   | 20. T8T   |
| 21. T8C   | 21. T4C   |
| 22. T8T   | 22. T8C   |
| 23. T4C   | 23. D2D   |
| 24. T8C   | 24. D1D   |
| 25. R1R   | 25. B1B   |
| 26. D2D   | 26. B3R   |
| 27. D1D   | 27. C6C   |
| 28. B1B   | 28. B1B   |
| 29. C6C   | 29. PB×C  |
| 30. PB×C  |           |

# OBRAS DE JÚLIO DANTAS

## PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br....	15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
AO OUVIDO DE M. <sup>me</sup> X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), Enc. 13\$00; br....	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOËS E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br....	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13\$00; br....	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol....	1\$50

## POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br....	4\$00

## TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br....	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br....	3\$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br....	3\$00
D. JOÃO TENORIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
D. RAMÓN DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br....	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br....	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br....	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br....	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br....	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br....	2\$00
REI LEAR — 2.ª edição, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br....	5\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br....	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00

### Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL  
Rua da Condessa, 80 — LISBOA  
ou à LIVRARIA BERTRAND  
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A' VENDA EM TODAS  
AS BOAS LIVRARIAS

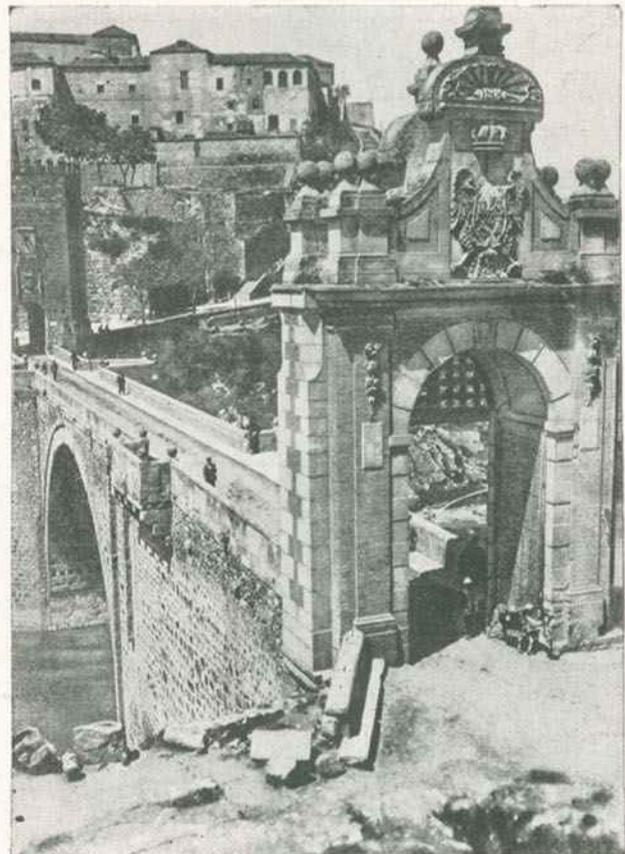
A 2.ª EDIÇÃO

DO

# TOLEDO

IMPRESSÕES  
E EVOCAÇÕES

por ANTERO DE FIGUEIREDO



PORTA «DEL PUENTE DE ALCANTARA»

1 Volume de 226 páginas  
brochado Esc. 10\$00



PEDIDOS AOS EDITORES  
LIVRARIA BERTRAND  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## PAULINO FERREIRA

ENCADERNADOR - DOURADOR

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS  
A ELECTRICIDADE

**CASA FUNDADA EM 1884**

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — DIPLOMAS DE HONRA na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

**TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo**

**Orçamentos Grátis**

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

**O MESTRE POPULAR**

OU

**O INGLÊS SEM MESTRE**

Pronúncia, gramática, conversação, correpondência, literatura, no alcance de tôdas as inteligências e de tôdas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros por JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. .... Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80—LISBOA

**Acaba de sair a 3.ª edição**

DE

**ANDAM FAUNOS  
PELOS BOSQUES**

POR

**AQUILINO RIBEIRO**

«Os descritivos do romance, que muitos são, insinuando-se-nos alguns na retina como paisagens de mestre, encontram parceiros condignos nos diálogos que o salpicam e em que é flagrante a naturalidade.» — *César de Frias*.

1 vol. de 356 páginas, brochado. . . . **12\$00**

**À venda em todas as livrarias**

Pedidos á

**LIVRARIA BERTRAND**

73 Rua Garrett, 75—LISBOA

**Acaba de sair a 9.ª edição**

DE

**Doida de Amor**

NOVELA

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«Conhece-se através d'êste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher.»

— **Julio Dantas.**

1 vol. de 276 pags., brochado

**10\$00**

Pedidos à **Livraria Bertrand**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

**NOVO DICIONÁRIO**

DA

**LÍNGUA PORTUGUESA**

Por **CÂNDIDO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira, da Real Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc.

QUARTA EDIÇÃO

Muito corrigida e copiosamente aumentada.

O Novo Dicionário é o mais actualizado, autorizado e completo Dicionário da Língua Portuguesa

A aparição do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, em 1900, foi calorosamente saudada pela imprensa periódica de Portugal e do Brasil.

Em sessão da Academia das Ciências fêz o elogio da obra o falecido académico Gonçalves Viana, grande autoridade portuguesa em assuntos de lingüística; e a principal corporação literária e científica da vizinha nação, a Real Academia Espanhola, que raros estrangeiros recebe no seu grémio, elegeu seu sócio o autor do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, aprovada a proposta, feita nesse sentido, pelo famoso escritor e diplomata Juan Valera, pelo filólogo e senador Daniel de Cortezar e pelo sábio Mir.

Podemos afirmar que o autor, à custa de longas e incalculáveis fadigas, conseguiu reunir, em tôdas as esferas da actividade e do saber humano, cerca de 130.000 vocábulos portugueses que ainda não estão registrados nos menos completos e menos imperfeitos dicionários da língua pátria.

Um dicionarista conhecido, cuja obra abrange realmente numerozo vocabulário, ufana-se de que o seu dicionário abranja 66.000 vocábulos. Acrescente-se a esta cifra mais 53.613 e entrever-se-á que os vocábulos reunidos pelo sr. Dr. Cândido de Figueiredo no NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, abrange nesta nova edição um número que atinge 119.613 vocábulos ou artigos.

2 grossos vol. sólidamente enc. em carneira 250\$00

PEDIDOS A S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80—LISBOA

# Últimos exemplares do Almanach Bertrand

Fundado por Fernandes Costa e coordenado por D. Maria Fernandes Costa

**UNICO NO SEU GENERO EM PORTUGAL**

A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em língua portuguesa — RECREATIVO, AMENO, INSTRUTIVO — Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros — Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis, colaboração astronómica e matematica muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos.

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de  
452 gravuras, cartonado . . . . .

**10\$00**

Encadernado luxuosamente . . . . .

**18\$00**

**Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS**

**33.º — ANO — 1932**

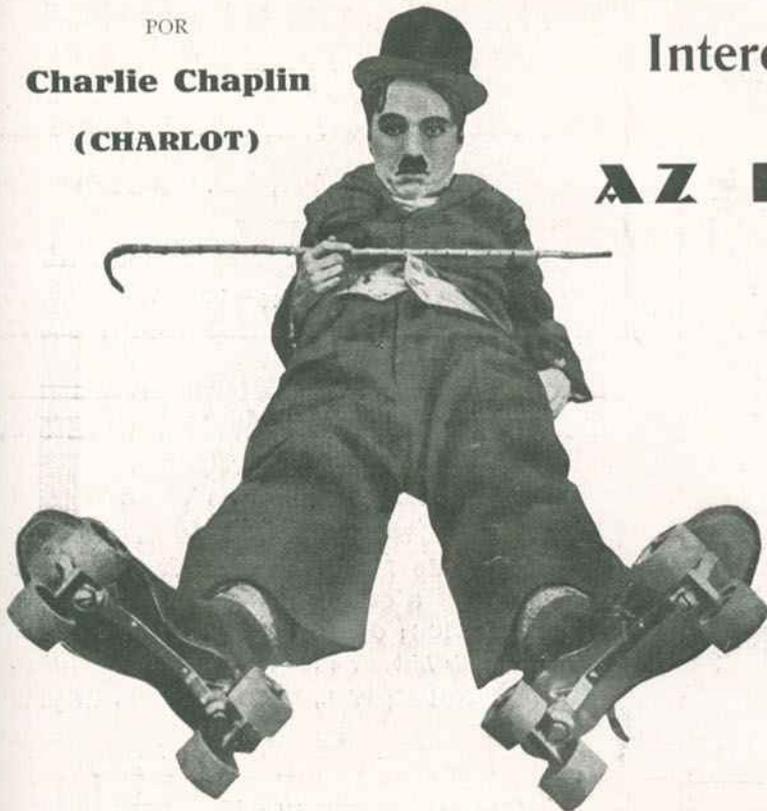
**Pedidos à  
LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

## As Minhas Aventuras pela Europa

POR

**Charlie Chaplin**  
(CHARLOT)



Interessantissimo livro  
do popular

**AZ DO CINEMA**

1 volume de 250 páginas  
brochado **10\$00**

Á venda em todas as livrarias

**Pedidos á**

**LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75  
LISBOA

# LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



**Verdadeira Enciclopédia da Vida Prática**

COLEÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS

A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

## LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais artísticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia

Obra de incontestável utilidade para toda a gente

## No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR—MEDICINA PRÁTICA—SOCORROS DE URGÊNCIA—MOBILIÁRIO—LAVANDERIA—FARMÁCIA DOMÉSTICA—JARDINAGEM—PRODUTOS ALIMENTARES—COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS—PERFUMARIA—ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO—SEGREDOS DO TOCADOR—CONSERVAS—ANIMAIS DOMÉSTICOS—MANUAL DO LICOREIRO—METAIS—LIGAS E CIMENTOS—COUROS E PELES—ANIMAIS DANINHOS—COPA E DOÇARIA—LAVORES FEMININOS—HIGIENE DA BELEZA—PASSATEMPOS—LAVAGEM DE NÓDOAS—TECIDOS E VESTUÁRIO—VIDRARIA—ADUBOS—HORTICULTURA—VETERINÁRIA—VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

## LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

**1 GROSSO VOLUME DE 1.152 PÁGINAS LINDAMENTE ENCADERNADO EM PERCALINA A CÔRES E OURO, CUSTA APENAS 30\$00**

Pedidos às boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL—Rua da Condessa, 80—LISBOA

**GRAVADORES**

**IMPRESSORES**



TELEFONE  
2 1368

**BERTRAND**  
**IRMÃOS, L.** DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27—LISBOA

**UM DOS MELHORES BRINDES**

## Biblioteca das Noivas

Organizada por **César de Frias**

**O Amor — A Mulher — O Lar**

Cada volumezinho, broc. **3\$00**

Pedidos à **Livraria Bertrand**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

## VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortoépico da Língua Portuguesa»)

Com mais de **100.000** vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APÊNDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PAG., ENCADERNADO, **15\$00**

PEDIDOS À

**Livraria BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75—LISBOA



## ANTOLOGIAS PORTUGUESA E BRASILEIRA

Verdadeiro tesouro da língua e literatura portuguesa e brasileira, esta colecção destina-se a tornar facilmente conhecidos e estimados os melhores prosadores e poetas portugueses e brasileiros, antigos, modernos e contemporâneos. Todas as obsoletas modalidades de ortografia, pontuação, disposição tipográfica, etc., que tornam difícil ao comum do público a leitura dos clássicos mais antigos, são alteradas e modernizadas com cuidado, dando-se quanto possível a esta importante biblioteca um aspecto material moderno e convidativo.

Com intuito de simplificação e vulgarização, excluiu-se o texto que tornava pesada a sua leitura: citações de fontes, longas e difíceis transcrições latinas e passos de conteúdo literário menos interessante, etc., etc. E para que os volumes possam ser admitidos sem escrúpulo nas famílias, serão criados e arredados, na escolha feita, os termos ou textos considerados impróprios.

As Antologias recomendam-se especialmente:

As *Famílias* cuidadas da boa educação literária de seus filhos;

As *Escolas*, necessitadas de textos para a leitura doméstica, e comentário nas aulas de língua, história e literatura nacionais;

Aos *Moços Poetas e Prosadores*, que assim encontrarão à mão os melhores modelos, guias e mestres;

Aos *Estrangeiros* estudiosos da língua e dos génios literários, a quem se oferece uma ampla e acessível vista de conjunto sobre este vasto campo;

A todos aqueles que, desejosos de completar a sua educação geral, com justa razão se queixam de que o tesouro da literatura portuguesa e brasileira jaz enterrado, ou na raridade e alto custo das edições antigas não refeitas, ou na vastidão da obra de tantos escritores, ou no carácter erudito de algumas das modernas edições.

Estas colecções têm encadernação própria, ao preço de . . . . . **4\$00**

### ANTOLOGIA PORTUGUESA

*Ordenada, prefaciada e enriquecida de notas e comentários pelo* **Dr. Agostinho de Campos**

JÁ PUBLICADOS:

**Afonso Lopes Vieira** (1 vol.)

**Alexandre Herculano** (1 vol.)

**Antero de Figueiredo** (1 vol.)

**Augusto Gil** (1 vol.)

**Camões lírico** (4 vols.)

**Eça de Queirós** (2 vols.)

**Fernão Lopes** (3 vols.)

**Frei Luís de Sousa** (1 vol.)

**Guerra Junqueiro** (1 vol.)

**João de Barros** (1 vol.)

**Lucena** (2 vols.)

**Manuel Bernardes** (2 vols.)

**Paladinos da linguagem** (3 vols.)

**Trancoso** (1 vol.)

Estes volumes são do formato 12×19 e têm 320 a 360 páginas

Cada volume brochado . . . . . **12\$00**

### ANTOLOGIA BRASILEIRA

*Ordenada, prefaciada e enriquecida de notas e comentários pelo* **Dr. Afrânio Peixoto**

JÁ PUBLICADOS:

**Castro Alves** (1 vol.) — **José Bonifácio** (1 vol.) — **Vieira Brasileiro** (2 vols.)

ASSINATURAS — Similarmente ao que estabelecemos para a *História de Portugal*, por Alexandre Herculano, facultamos a aquisição das *Antologias*, Portuguesa e Brasileira, por assinatura, sendo a remessa dos seus volumes feita em períodos semanais, quinzenais ou mensais, conforme o sr. assinante quiser e no-lo determinar no seu pedido. Assim adquirirá ele esta obra notabilíssima, cuja presença por si só honra uma biblioteca, nas condições mais favoráveis a pouco e pouco e sem qualquer encargo pesado.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

CONTINENTE E ILHAS — Incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, cada vol. em br. . . . . 12\$00

» » » — Encadernado em percalina, com ferros especiais e letras a ouro . . . . . 16\$00

COLÓNIAS PORTUGUESAS — Pagamento adiantado — Incluindo despesas de correio e embalagem, os mesmos preços do Continente e Ilhas

Para assinar esta obra basta, num bilhete postal, requerê-lo aos editores

**Pedidos à LIVRARIA BERTRAND**

**73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**

# BOLACHIAS

A GRANDE  
M A R C A  
PORTUGUESA



Variadas e  
saborosissimas  
qualidades

UM UNICO FABRICO  
O MELHOR

# NACIONAL